

revista



sesc 75 ANOS

mensal | novembro de 2021 | nº 5 | ano 28 | [f](https://www.facebook.com/sescsp) [i](https://www.instagram.com/sescsp) [t](https://www.tiktok.com/@sescsp) [y](https://www.youtube.com/sescsp) [sescsp.org.br/revistae](https://www.sescsp.org.br/revistae) revistae@sescsp.org.br | Distribuição gratuita | Venda proibida

SESC MOGI DAS CRUZES | RAINHA KAMBINDA | ESTÉTICAS DA RESISTÊNCIA | SÉRGIO MAMBERTI | ALEXANDRE DA SILVA | ANDREA GIUNTA | REFLEXÕES SOBRE A PANDEMIA | LUCI COLLIN | PASQUALE CIPRO NETO | DENISE MARIANO

ISSN 2179907-5
00320
9 772179 907008



**Ocupação
Mirada
2021**

24 – 28
novembro

SESC SANTOS



Um olhar atual para as artes
cênicas nos países ibero-
americanos e o encontro
com pensadores e artistas.

5 dias de programação com
mesas de debates, encontros
com criadores e apresentações
presenciais e on-line com
representantes de
mais de 10 países.

sescsp.org.br/mirada



Matheus - Jose Maria

IMAGEM DA CAPA

O Sesc chega a Mogi das Cruzes a partir deste mês, com a abertura de sua nova unidade, que ocupa um terreno de 27.287 metros quadrados, sendo 2 mil metros quadrados de área construída. A infraestrutura conta com espaços como o Galpão Múltiplo Uso, para shows, espetáculos e exposições; o Centro de Educação Ambiental, que realizará oficinas, vivências e outras atividades na área de educação e sustentabilidade, o Espaço de Tecnologias e Artes e o Espaço de Brincar, além de piscina, duas quadras poliesportivas, espaços livres para a realização de eventos e recreação e um café. Por enquanto, em razão dos protocolos da Covid-19, o público poderá conhecer os novos espaços da unidade com visitas guiadas e agendadas. Leia matéria nesta edição da *Revista E*. Saiba mais: <http://www.sescsp.org.br/mogidascruzes>.

Bem-vindo ao Sesc Mogi das Cruzes

O mês de novembro marca a chegada do Sesc – Serviço Social do Comércio a mais um importante município de São Paulo. Habitantes de Mogi das Cruzes e região ganham, a partir de agora, uma nova unidade, que ofertará aos trabalhadores do comércio, serviços e turismo, a seus familiares, bem como a toda a comunidade, uma vasta programação nos campos da cultura, dos esportes, do lazer, da saúde e alimentação, a exemplo do que já ocorre em outros centros culturais e esportivos em todo o estado.

A abertura do Sesc Mogi das Cruzes representa a expansão de uma consistente ação de caráter educativo e emancipatório que teve início em 1946, quando o empresariado do setor criou a entidade para promover o bem-estar e a qualidade de vida da população, valorizando o lazer e o tempo livre e proporcionando inúmeros encontros. A abertura do Sesc Mogi das Cruzes se concretiza, portanto, como mais um passo dessa iniciativa que cresce e se aprimora permanentemente, ao longo destes 75 anos, mantendo-se relevante e essencial, num mundo cada vez mais complexo e carregado de desafios.

ABRAM SZAJMAN

Presidente do Conselho Regional do Sesc no Estado de São Paulo

Você também pode ler a *Revista E* em tablets e smartphones

Baixe o aplicativo do Sesc São Paulo e confira as reportagens e entrevistas, além de vídeos, áudios e imagens.

Download gratuito para Android e iOS

SUMÁRIO

Tempo de recomeços

A abertura do Sesc Mogi das Cruzes, traz consigo a sensação de novos caminhos que se abrem, novas trilhas que se percorrem. Abrir as portas ao público pela primeira vez é sempre um momento de celebração das relações que se constroem a partir dali. Afinal, não é de repente que se chega, mas aos poucos, estabelecendo novos vínculos, conhecendo-se mutuamente, realizando trocas para, juntos, Sesc e seus públicos, realizarmos algo totalmente novo.

Um processo sempre desafiador e que ganha ainda mais contornos de complexidade em razão da pandemia que enfrentamos. Por isso, abrir as portas do Sesc Mogi das Cruzes é também um marco repleto de recomeços. Voltar às ruas, aos espaços públicos, às plateias, arquibancadas, escolas, aos lugares de encontros, retomar as atividades, pouco a pouco, ainda cumprindo todos os cuidados e protocolos, mas com a esperança renovada nesse porvir. A *Revista E* deste mês apresenta, em reportagem, a nova unidade do Sesc Mogi das Cruzes e mostra outros espaços culturais dessa cidade. Boa leitura!

DANILO SANTOS DE MIRANDA

Diretor do Sesc São Paulo



Bob Vief

Em ENTREVISTA, a pesquisadora e curadora argentina ANDREA GIUNTA fala sobre conexões entre as vanguardas artísticas na América Latina e a Semana de 22 **10**



Adriana Vichi

SESC MOGI DAS CRUZES abre as portas com programação e atividades online e presenciais **16**



Reprodução

No PERFIL, a multiplicidade e a generosidade do ator, diretor e gestor cultural SÉRGIO MAMBERTI e seu importante papel no teatro e no cinema **28**



Coletivo Birico, Painel Kawex, 2020. Lambie-lambe

Na GRÁFICA, obras da exposição *Birico* levantam diferentes questões e ESTÉTICAS DA RESISTÊNCIA sobre o Centro da capital paulista **36**



Isabella Mathias

Legado da multiartista, mestra e griot Raquel Trindade, a RAINHA KAMBINDA, que é referência nas artes e no fomento à cultura afro-brasileira **54**

DOSSIÊ	7
EM PAUTA REFLEXÕES SOBRE A PANDEMIA	64
ENCONTROS PASQUALE CIPRO NETO	72
DEPOIMENTO ALEXANDRE DA SILVA	76
INÉDITOS LUCI COLLIN	80
ALMANAQUE PAULISTANO	86
P.S. DENISE MARIANO	90



sesc MOGI Das Cruzes

venha conhecer a nova unidade do Sesc SP

Cultura, esporte, lazer, educação e saúde para toda a comunidade.

São 22 mil m² com Sala de Ginástica, Centro de Educação Ambiental, Espaço de Brincar, Piscina, Quadras Poliesportivas, Galpão para Shows e Espetáculos, Espaço de Tecnologias e Artes, áreas verdes e muito mais.

abertura 6 novembro 2021

Retomada gradual e comprovante de vacinação – Covid 19

Agende sua visita ao Sesc Mogi das Cruzes no APP Credencial Sesc SP ou no portal Sesc SP. A entrada na unidade está condicionada à apresentação de comprovante de vacinação contra Covid-19 (ao menos a primeira dose) e documento com foto.

Programação de abertura

Ausente Manifesto:
ver e imaginar na arte contemporânea

Curadoria de Cauê Alves e Pedro Nery

Exposição com obras do acervo do MAM
- Museu de Arte Moderna de São Paulo

Rua Rogerio Tacolla, 118
Mogi das Cruzes - SP

(11) 4728 6200
sescsp.org.br/mogidascruzes
f @ /sescmogidascruzes

sesc 75 ANOS



Cena do espetáculo *Sem Palavras* (2021), da companhia brasileira de teatro: coletivo de artistas de várias regiões do país

Miradas híbridas

PROGRAMAÇÃO DIGITAL E PRESENCIAL REÚNE NOVAS CRIAÇÕES CÊNICAS DE PAÍSES IBERO-AMERICANOS

Quais as possibilidades e desafios das artes no ambiente digital? Essa é uma das questões que vão nortear a Ocupação Mirada, entre os dias 24 e 28 de novembro. Em formato presencial e online, esta edição reunirá trabalhos e reflexões de diferentes companhias e criadores da América Latina, Espanha e Portugal. Realizada entre as edições bienais do *Mirada – Festival Ibero-Americano de Artes Cênicas* (a próxima será em 2022) –, a ocupação busca evidenciar e estimular diálogos e possibilidades para o atual cenário das artes cênicas.

“Esta ocupação, realizada entre dois festivais, se coloca como um espaço de ativações de novas obras, conexões entre grupos e instituições, bem como um movimento

ESTA OCUPAÇÃO SE COLOCA COMO UM ESPAÇO DE ATIVAÇÕES DE NOVAS OBRAS, CONEXÕES ENTRE GRUPOS E INSTITUIÇÕES, BEM COMO UM MOVIMENTO PARA O FUTURO, COM PERGUNTAS SOBRE QUAL PAÍS E MUNDO PODEMOS RECONSTRUIR E O QUE DEVEMOS DEMOLIR

SERGIO LUIS DE OLIVEIRA, assistente da gerência de ação cultural do Sesc

para o futuro, com perguntas sobre qual país e mundo podemos reconstruir e o que devemos demolir”, afirma Sergio Luis de Oliveira, assistente da gerência de ação cultural do Sesc.

Na programação, apresentações presenciais na cidade de Santos, obras gravadas e lives transmitidas no *#EmCasaComSesc* pelo canal do YouTube do Sesc São Paulo e outras plataformas, além de trabalhos inovadores realizados online e exibidos na plataforma digital do Sesc São Paulo e pelo SescTV. O público também poderá acompanhar mesas de debates, aberturas de processos criativos e laboratórios artísticos, em que autores vão falar sobre processos de criação de novos trabalhos.

Saiba mais: <https://mirada.secscsp.org.br/>.



Forte São João | Fotonativa

HISTÓRIA REVISITADA

Patrimônio histórico nacional e primeira edificação do tipo no país, o Forte São João, na cidade litorânea de Bertioga, receberá o público para uma exposição inédita sob a curadoria de Marília Bonas, atual diretora do Museu da Língua Portuguesa, a partir do dia 20/11. Construído em 1536, sob ordens da coroa real portuguesa, como ponto militar, o Forte representa diversas narrativas sobre a história da população indígena tupinambá que vivia na região, a formação do Brasil e o povo que constituiria a cidade de Bertioga. Episódios materializados em imagens, ilustrações e representações cenográficas ocuparão todos os espaços do Forte. A própria arquitetura do local tem também sua história desvelada. A curadoria conta ainda com pesquisadores da Pinacoteca de São Paulo e com a filósofa e professora Cris Takuá, integrante da Aldeia Rio Silveiras de Bertioga. Realizada pelo Sesc São Paulo, em parceria com a prefeitura de Bertioga e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), a mostra poderá ser visitada pelo público até 20 de março de 2022. Saiba mais: www.sescsp.org.br/bertioga.

NOVO CANAL

Treinar em casa se tornou uma rotina para muitas pessoas durante a pandemia. Mesmo agora, com o retorno aos poucos das atividades presenciais, a alternativa surge para quem está começando alguma prática e para os experientes também. Pensando nisso, o Sesc São Paulo estreou um canal no YouTube com aulas e cursos de diversas práticas corporais e esportivas. Já está disponível uma série de aulas que foram destaque no perfil do Instagram @esportesescsp. São aulas de pilates, danças circulares, ginástica, circuito funcional entre outras modalidades. Também está disponível o curso *Primeiras Passadas*, voltado para iniciantes da corrida. São exercícios educativos e de fortalecimento muscular, que podem ser realizados em casa, e exercícios aeróbios, indicados para parques e ruas, ou ainda para esteiras. O curso é apresentado pelos educadores em atividades físico-esportivas do Sesc São Paulo Raquel Rocha e João Gabriel Sousa. Inscreva-se no canal: www.youtube.com/esportesescsp.



45 MOSTRA

INTERNACIONAL DE CINEMA
SÃO PAULO INT'L
FILM FESTIVAL

SÉTIMA ARTE PRESENTE

A 45ª edição da Mostra Internacional de Cinema em São Paulo se encerra no dia 3 de novembro marcando a reabertura das atividades presenciais do CineSesc. Assim como em edições anteriores, o CineSesc é um dos pontos de exibição da tradicional mostra. Neste ano, a arte do cartaz é assinada pelo artista e escritor Ziraldo. A retomada das atividades presenciais do CineSesc também segue um rígido protocolo de segurança: é obrigatória a apresentação do comprovante de vacinação, constando, no mínimo, a 1ª dose, é obrigatório o uso de máscara para adentrar, transitar e assistir aos filmes na unidade, além de manter o distanciamento social seguro na formação das filas. Confira a programação: www.sescsp.org.br/cinesesc.

DERRUBAR ESTIGMAS

Em 2021, completam-se 40 anos dos primeiros casos de Aids no mundo. Diante desse marco, a quarta edição do projeto *Contato*, realizado pelo Sesc São Paulo entre os dias 26 de novembro e 5 de dezembro, joga luz na discussão e reflexão sobre ISTs e HIV/Aids na sociedade. Uma programação com atividades no ambiente virtual que darão visibilidade à pauta a partir de informações de saúde e experiências de vida, a fim de despertar novos imaginários que possibilitem a quebra de estigmas e preconceitos. Saiba mais em: www.sescsp.org.br/contato.



Ricardo Fereira

Seguindo os protocolos de segurança em relação à Covid-19, o Sesc São Paulo dá sequência à retomada gradual com a presença de público nos teatros. As unidades Consolação, Pompeia, Pinheiros, Vila Mariana, Guarulhos, Santos, Rio Preto e Jundiaí reabriram seus teatros com capacidade reduzida para até 50% do total de espectadores. Além do uso obrigatório da máscara facial de proteção, é preciso apresentar comprovante de vacinação (físico ou digital) contendo, pelo menos, a 1ª dose contra o coronavírus e um documento com foto. Saiba mais: www.sescsp.org.br. Na imagem, show de Amaro Freitas Ancestral Cumbe, que fez parte da programação do Sesc Jazz no Sesc Pompeia. Saiba mais: www.sescsp.org.br.



Cherrie Mendes

ARTE NO MURO

A partir de diálogos entre a equipe do Sesc Guarulhos, artistas da região e moradores do Parque das Seringueiras, comunidade vizinha à unidade, grafiteiros e muralistas criaram, em outubro, obras que dialogam com o espaço e o dia a dia dos moradores. A ação faz parte do projeto *Muros Tatuados*, que busca estimular a apropriação do espaço e a convivência comunitária a partir de intervenções artísticas. O processo de criação desses muros por artistas locais, sob supervisão e acompanhamento do artista Mauro Neri, do Coletivo Imargem, resultou em um minidoc transmitido pelo canal do YouTube do Sesc Guarulhos. Assista em: www.youtube.com/sescguarulhosyt.



Foto: Pdb.Veri

Outros MODERNISMOS

PESQUISADORA E CURADORA ARGENTINA REFLETE
SOBRE AS CONEXÕES ENTRE VANGUARDAS ARTÍSTICAS
DE PAÍSES LATINO-AMERICANOS E A SEMANA DE 22

Enquanto era organizado, na capital paulista, um dos eventos artísticos mais importantes da História do Brasil, capitaneado por Mário e Oswald de Andrade, entre outros modernistas, na Argentina e em outros países da América Latina, artistas engendraram seus próprios movimentos de ruptura com o passado e com a hegemonia da cultura europeia. Quem estuda esse cenário pouco descrito nos livros de História é a curadora e autora de diversas obras sobre arte latino-americana e internacional Andrea Giunta, pesquisadora do Conselho Nacional de Pesquisas Científicas e Técnicas (Conicet) na Argentina. É ela quem nos brinda com uma nova mirada da Semana de Arte Moderna. Professora convidada na Duke University (Estados Unidos) e na École des Hautes Études en Sciences Sociales em Paris (França), Giunta participou, em setembro, da ação *Diversos22 – Levantes Modernistas*, realizada pelo Sesc São Paulo e que reuniu outros estudiosos para reflexão do significado da Semana de 22 no século de seu centenário ([leia Ecos do Modernismo, matéria publicada na Revista E nº 299, de setembro de 2021](#)). Convidada para o painel *Modernismo e Utopia*, a pesquisadora traçou pontos de intersecção entre as manifestações artísticas no Brasil e em países vizinhos na década de 1920. Em entrevista à *Revista E*, a curadora da 12ª Bienal do Mercosul (2020), em Porto Alegre, fala sobre personagens e publicações que ficaram à margem dos holofotes e reforça a importância do que o modernismo tem a dizer para a atualidade. “Ao abordar a copresença de diferentes linguagens artísticas em um mesmo evento, a Semana de 22 instituiu uma experiência inaugural de interação estética na arte da América Latina”, descreve.

A Semana de Arte Moderna brasileira de 1922 está prestes a completar 100 anos e suas ideias ecoam ainda hoje. Que análise faz a repercussão desse movimento?

Ao abordar a copresença de diferentes linguagens artísticas em um mesmo evento, a Semana de 22 instituiu uma experiência inaugural de interação estética na arte da América Latina. A irrupção que despertava as pinturas de Anita Malfatti (rechaçadas pela crítica conservadora) foi celebrada nesse contexto. O papel de vanguarda da Semana se confirmou. Hoje, estamos em um momento de revisão e de reflexão. Em primeiro lugar, a questão que me interessa é: essa expressão de vanguarda deve ser entendida numa relação de influência, derivada, periférica, em relação às vanguardas europeias? Futurismo, dadaísmo, cubismo são comumente mencionados. Mas podemos pensar de outra maneira? O fato de que as exposições, os concertos e as conferências reunidos naquela ocasião foram denominados Semana de 22 coincidiu com um episódio fundador do Brasil, o centenário da Independência, que trouxe para essa celebração um compasso diferente. A independência estética, de ideias e de conceitos apresentados naquele encontro apontava para um caminho singular, brasileiro. Hoje estamos num intenso processo de revisão de nossas histórias da arte.

Sob que aspectos?

Nesse processo [*de revisão de nossas histórias da arte*], deixamos de lado a explicação baseada na ideia de influências ou periferias para caracterizar os movimentos artísticos latino-americanos a partir de sua especificidade. É interessante pensar que é também em 1922-1923 que se formula outro momento crucial da arte latino-americana: o muralismo mexicano. Por que temos que pensar na Semana de 22 em relação às vanguardas europeias e não em relação às vanguardas latino-americanas, simultaneamente? Nessa avaliação, são considerados os cenários artísticos latino-americanos, seus artistas e obras, suas instituições e seus públicos. Observadas

HOJE ESTAMOS NUM INTENSO

PROCESSO DE REVISÃO DE

NOSSAS HISTÓRIAS DA ARTE

sob tal perspectiva, as vanguardas latino-americanas não são totalmente explicadas a partir de conceitos derivados, mas de suas propostas inovadoras.

No caso brasileiro, quais seriam essas propostas?

A análise da Semana de 22 torna necessária a observação de aspectos específicos. De forma breve, poderia afirmar: o feito inédito de uma mulher artista, Anita Malfatti (1889-1964), ser reconhecida como uma artista disruptiva e vanguardista. A história clássica da arte moderna europeia é baseada na relação entre vanguarda e masculinidade. O fato de que a Semana de 22 apresentou um novo mapa cultural no Brasil como sintoma da consolidação de outro polo cultural, São Paulo, assinala uma relação com a inovação e a modernidade ao se desvencilhar, naquele momento, do Rio de Janeiro, ligado a um passado imperial. A presença polêmica e rebelde de Oswald de Andrade (1890-1954) ressaltou a ideia de ruptura e estabeleceu um novo cenário. A Semana marcou também a relação entre a literatura e as artes visuais, característica da vanguarda brasileira ratificada pela relação entre Oswald e Tarsila do Amaral (1886-1973), quando formulam o movimento antropofágico [*manifestação cultural e artística que ocorreu durante a primeira fase do Modernismo no Brasil*]. Esta, aliás, é uma característica poderosa e única da arte brasileira.

A crítica à falta de reconhecimento de mulheres artistas no modernismo brasileiro, exceto aquelas que foram popularizadas, como Tarsila do Amaral e Anita Malfatti, ganha força e novos contornos. Qual sua reflexão sobre esse cenário?

A arte brasileira é produzida em um cenário em que as mulheres artistas não só participam, mas são centrais. Essa posição não é frequente. São muitas as artistas que ocupam um lugar de destaque internacional. Penso em Lygia Pape, Mira Schendel, Ana Maria Maiolino, Anna Bella Geiger, Carmela Gross e Regina Silveira, dos anos 1950, 1960 e 1970. Ou em Rosângela Rennó e Adriana Varejão, para citar alguns nomes mais recentes. São muitas as artistas brasileiras reconhecidas desde o início do século 20. Ao mesmo tempo, se observarmos em termos comparativos como se constituem as exposições e coleções de museus, ou os artistas representados por galerias, ou presentes em coleções privadas, verificaremos que as mulheres artistas não são representadas de maneira equivalente. E, mais ainda, a perspectiva interseccional, que dá conta da relação entre feminismo e raça, revela a ausência de artistas negras. Essa disparidade e essa falta de representatividade começam a ser revistas com políticas institucionais que envolvem instituições de ensino e museus. O museu Afro Brasil e as ações expositivas do Museu de Arte de São Paulo (Masp) e da Pinacoteca de São Paulo indicam, principalmente, uma intervenção contundente para ampliar o conceito de arte brasileira e para obter uma representação grandiosa das contribuições de artistas de um país tão rico em tradições culturais, muitas delas decorrentes de sua relação com a África.

Quais são as semelhanças e diferenças entre o modernismo brasileiro e o que floresceu na Argentina?

Na vanguarda argentina não temos um acontecimento inaugural inovador como a Semana de 22. Porém, a revista *Martín Fierro*, em 1924 (precedida por *Prisma e Proa*), e posteriormente, a revista *Arturo*, em 1944, apontam a singularidade desses movimentos de vanguarda que se originam das revistas. Na *Martín Fierro* há uma forte relação entre literatura, pintura, cinema e arquitetura. As páginas da *Martín Fierro* são a plataforma que torna visível a coexistência desse inovador cenário de vanguarda. Um cenário que também possui um episódio “escandaloso”, demonstrado pela exposição de Emilio Pettoruti (1892-1971) na Galeria Whitcomb, em Buenos Aires, no ano de 1924 [na primeira exposição do artista portenho, 11 anos após residir na Europa, suas obras de vanguarda provocaram o olhar da crítica]. E, em 1944, a revista *Arturo* foi o ponto de partida do movimento regional de arte abstrata que envolvia artistas da Argentina, do Uruguai, do Brasil e do Chile. Também avalio que tanto na Argentina quanto no Brasil são poderosas o que denomino “metáforas de enraizamento”, que buscam a partir das obras e das publicações estabelecer uma relação próxima com o território local. No Brasil com a *Revista de Antropofagia*, e na Argentina com a *Martín Fierro*, que traz para o presente o poema de José Hernandez, do século 19. Ambas olham para o futuro, mas também consideram a história ligada à relação com os povos indígenas: na *Antropofagia* como metáfora de troca com o europeu, e na *Martín Fierro* como referência à ruptura que leva o gaúcho a conviver com os indígenas. Em ambos os casos, encontramos elementos de ruptura, de futuro e de enraizamento. Sem dúvida, na Semana de 22 ou na exposição de Pettoruti de 1924 estava implícita a ideia de ruptura vanguardista do

POR QUE TEMOS QUE PENSAR NA SEMANA DE 22
EM RELAÇÃO ÀS VANGUARDAS EUROPEIAS E NÃO EM RELAÇÃO
ÀS VANGUARDAS LATINO-AMERICANAS, SIMULTANEAMENTE?



EM TODA A ARTE BRASILEIRA ENCONTRAMOS AQUELA PULSÃO ENTRE O UTÓPICO E O DISTÓPICO

futurismo, mas esses artistas a registram em seu próprio contexto cultural. A relação com a literatura também é um traço comum em Jorge Luis Borges (1899-1986), Oswald de Andrade e Mário de Andrade (1893-1945). Cabe destacar ainda a presença na revista *Martín Fierro* de uma artista: Norah Borges (1901-1998), cujo trabalho foi recentemente revisitado numa exposição retrospectiva; no entanto, ela não foi enaltecida como figura central da vanguarda local, como é o caso de Anita Malfatti ou de Tarsila do Amaral.

As utopias criadas pelo movimento modernista brasileiro foram reformuladas ao longo das décadas?

Sim, seguramente. Brasília é a radicalização dessa ideologia utópica: fundar uma cidade perfeita no meio do planalto. Mas essa utopia sempre deu lugar a um discurso crítico simultâneo. Brasília logo tornou visível que sua rápida construção era possível devido à exploração dos trabalhadores que a realizavam e que, simultaneamente, erguiam suas periferias pobres e violentas naquela cidade-museu (como fala Rosângela Rennó em seu trabalho sobre os arquivos da construção de Brasília). Portanto, a ideia de ordem e progresso presente, em certo sentido, em conteúdos abstratos, sempre tem outro lado que a acompanha. Penso em, por exemplo, Hélio Oiticica (1937-1980) e sua passagem do núcleo, do plano ao espaço, ao corpo. “Quem quiser construir tem que mergulhar na m...”, disse Oiticica. Em toda a arte brasileira encontramos aquela pulsão entre o utópico e o distópico. Eu definiria assim a tensão ou a oscilação entre duas obras de Lygia Pape (1927-2004): *Livro do Tempo* (1961-1965) e *Caixa de Baratas* (1967).

Em que medida a arte está influenciando os debates políticos, filosóficos e, principalmente, uma transformação social, na atualidade?

A arte acompanha o pensamento de cada época. Se olharmos para o principal problema pós-pandêmico, a óbvia crise ecológica do planeta (alguns autores argumentam que o colapso já chegou), podemos observar como a arte acompanha a reflexão sobre o estado atual do mundo. Se considerarmos os feminismos, vamos encontrar artistas que abordam a destruição da Amazônia – tanto Claudia Andujar, com suas fotos pioneiras das comunidades Yanomami, quanto Cecilia Vicuña, artista chilena que, para a 12ª Bienal do Mercosul, em Porto Alegre, uniu o poema *Semiya*, que escreveu e entregou a Salvador Allende no Chile em 1971, dos Quipos originados da cultura Inca, com a destruição da Amazônia pelos incêndios de 2020. Assim, nelas encontramos uma reflexão amparada na relação entre os humanos e a natureza, ou sobre a extinção e o ataque sistemático ao povo Yanomami, como demonstra o ativismo e as emocionantes fotografias de Claudia Andujar. A arte acompanha a realidade: ela não é resultado da influência de debates ou de circunstâncias políticas, nem necessariamente influencia os debates. Embora, às vezes, avise com antecedência sobre problemas que mais tarde vão se manifestar na vida social. Assuntos tão urgentes quanto o que devemos fazer para evitar a destruição do planeta. ■

A ARTE ACOMPANHA
A REALIDADE: ELA
NÃO É RESULTADO
DA INFLUÊNCIA DE
DEBATES OU DE
CIRCUNSTÂNCIAS
POLÍTICAS, NEM
NECESSARIAMENTE
INFLUENCIA OS
DEBATES

O QUE FOI?

Revista Martín Fierro

Revista literária argentina publicada entre 1924 e 1927 que teve grande papel para o conhecimento das vanguardas artísticas do país tanto pela divulgação de textos literários e críticas como pela reprodução de obras na publicação. Também funcionou como vitrine do trabalho de artistas como Ramón Gómez de la Serna, Emilio Pettoruti e Arthur Honegger, além de espaço para difusão de textos de escritores consagrados, como Jorge Luis Borges.

QUEM FOI?

Norah Borges

Importante nome da vanguarda artística argentina, como a artista plástica Norah Borges (1901-1998) é descrita pelo Museu Nacional de Buenos Aires (MNBA), localizado na capital, “uma exceção rara na história da arte argentina”. Irmã do escritor Jorge Luis Borges e esposa do crítico e poeta espanhol Guillermo de

Torre (1900-1971), Norah ilustrou os primeiros livros do irmão e do escritor Júlio Cortázar (1914-1984), da poeta e dramaturga espanhola Concha Méndez Cuesta, além de diversos autores e autoras contemporâneas. Também foi colaboradora de revistas literárias espanholas e argentinas, caso da *Martín Fierro*. Em 2020, o MNBA realizou, pela primeira vez, uma retrospectiva da artista. Saiba mais: www.bellasartes.gob.ar/pt/exposicoes/norah-borges-uma-mulher-na-vanguarda/.

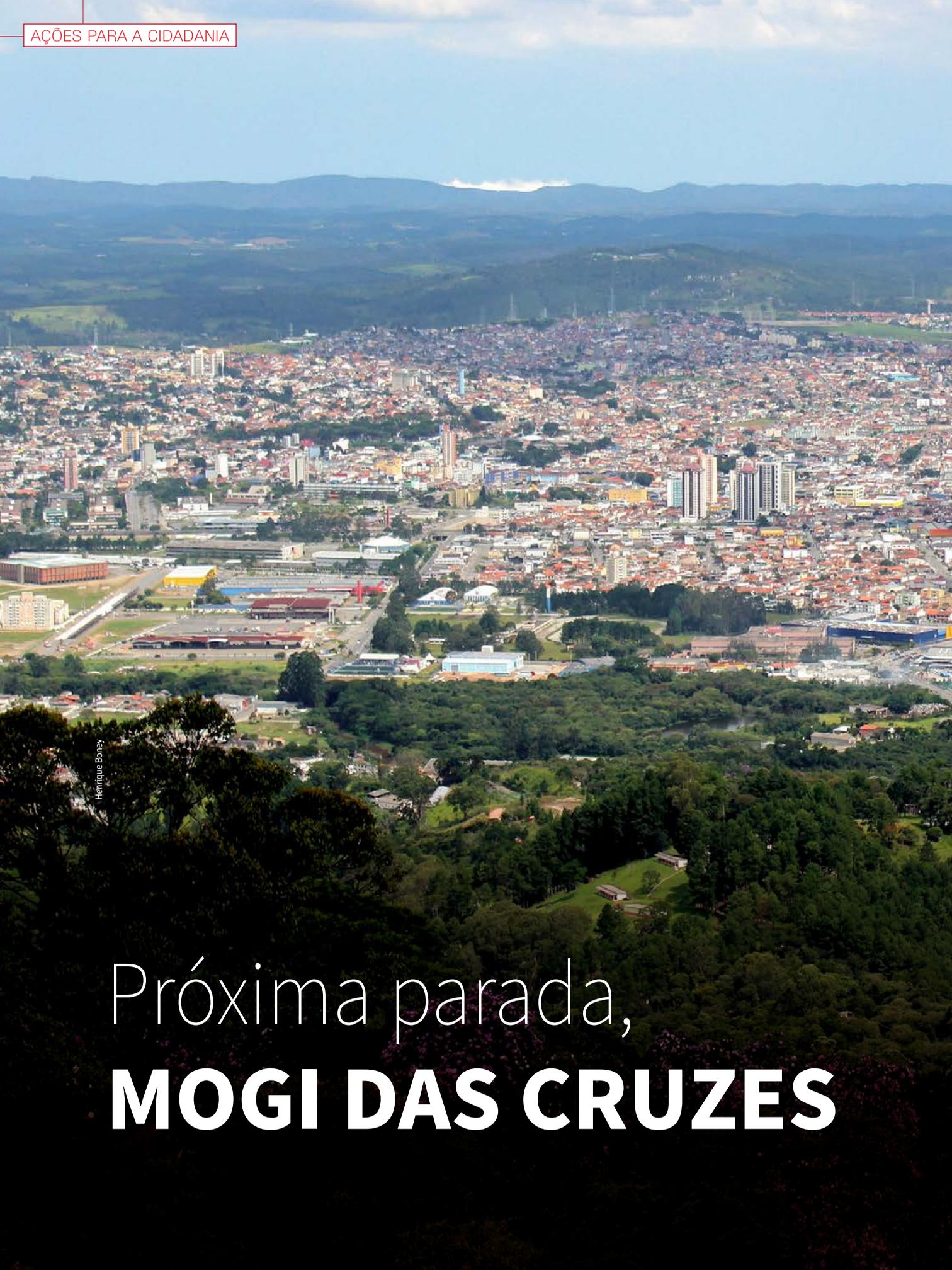


Norah Borges - *Niñas españolas* - 1933 - MoMa



Retrato por Grete Stern - Colección particular

Assista ao seminário *Diversos22 – Levantes Modernistas*, realizado pelo Sesc São Paulo, com curadoria do historiador Francisco Alambert e da equipe do Centro de Pesquisa e Formação, transmitido pelo canal do YouTube do Sesc: www.youtube.com/sescsp.



Henrique Boney

Próxima parada,
MOGI DAS CRUZES



COM HISTÓRIA TRAÇADA POR POVOS ORIGINÁRIOS E IMIGRANTES DO OCIDENTE E DO ORIENTE, A CIDADE DE NOME INDÍGENA SURGIDO DA EXPRESSÃO “RIO DAS COBRAS” RECEBE NOVA UNIDADE DO SESC SÃO PAULO

Mogi das Cruzes

Adriana Vichi

Localizada a 42 quilômetros da capital paulista, a cidade de Mogi das Cruzes abriga, a partir deste mês, a mais nova unidade do Sesc no estado de São Paulo. Município com maior população do Alto Tietê, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Mogi das Cruzes é um caldeirão de identidades culturais e de transformações econômicas. O nome cunhado a partir da alteração do termo *Boigy*, que, por sua vez, vem de *M'Boigy*, cujo significado é “Rio das Cobras”, foi dado por povos indígenas originários desta região do país. Mas a história da cidade de Mogi das Cruzes ganha novos contornos a partir de 1560. Naquele ano, o bandeirante Braz Cubas se embrenhou pelas matas locais em busca de ouro. Apesar do ano deste episódio marcar o aniversário da cidade, foi outro bandeirante, Gaspar Vaz, que abriu o primeiro caminho de acesso da cidade de São Paulo a Mogi das Cruzes, dando início ao povoado elevado à Vila de Sant'Anna de Mogi Mirim em 1611. Já o vocábulo “Cruzes” veio como acréscimo porque era costume demarcar com uma cruz, ponto a ponto, os limites de uma vila.



Adriana Vichi

Entrada da nova unidade do Sesc São Paulo, que fica na rua Rogério Tacola, nº 118, no Bairro do Socorro



Matheus José Maria

Do fornecimento de cana-de-açúcar durante o Brasil Colônia à produção de café, fumo e algodão no século 19, foi com a chegada das linhas férreas, em 1875, que a Maria Fumaça apitou um novo cenário. Dali em diante, a criação de comércios, teatro e outros equipamentos constituíram o espaço urbano. Em 1919, a imigração das primeiras famílias japonesas – que derrubaram a ideia de idioma e cultura como barreiras por acreditarem no potencial dessas terras para a agricultura – promoveu outra transformação na formação da cidade. Aliás, essa imigração foi responsável pelo reconhecimento dessa região do Alto Tietê no “Cinturão Verde” de abastecimento hortifrutigranjeiro.

A contribuição desses imigrantes tornou Mogi das Cruzes não só reconhecida pela produção de hortaliças, frutas (caqui e nêspersas principalmente), cogumelos e flores (orquídeas), como uma das cidades brasileiras com o maior contingente de descendentes nipônicos.

Para além dessa característica na economia deste que é o 13º município mais populoso do Estado de São Paulo, segundo último Censo do IBGE, destacam-se a expansão industrial, a crescente atuação de empreendedores de micro e pequenos negócios e a consolidação de um polo digital.

Assim, o município atravessa séculos se reinventando, questionando-se e respondendo a novas mudanças, como outras cidades brasileiras, segundo reflexão do arquiteto e urbanista Renato Cymbalista. “A cidade é, na verdade, aquilo que a gente pergunta para ela. Podemos fazer perguntas a respeito da materialidade da cidade: que cara a cidade tem? Podemos fazer perguntas a respeito das redes de sociabilidade, do que as pessoas fazem na cidade, e teremos outras respostas. Nós podemos ainda fazer (a uma cidade) uma pergunta a respeito de novos horizontes”, comenta o urbanista no primeiro capítulo da série *A Cidade no Brasil*, de Isa Grinspum, exibida pelo SescTV. ■



Adriana Vichi



Adriana Vichi

O Sesc Mogi das Cruzes ocupa um terreno onde antes funcionou o Centro Desportivo, local que faz parte da história da cidade: as quadras poliesportivas e a piscina foram reformadas

No Espaço de Brincar, o desenho dos brinquedos e das áreas interna e externa traz símbolos e representações das culturas locais e de etnias que construíram a cidade: povos indígenas, portugueses, imigrantes japoneses, entre outras

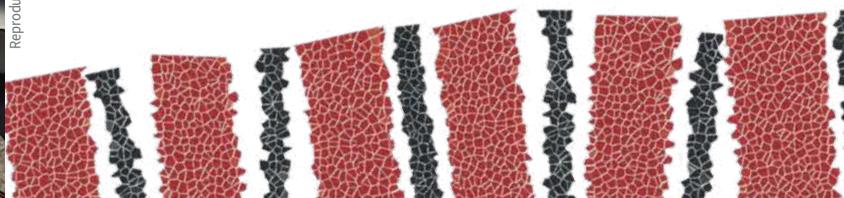


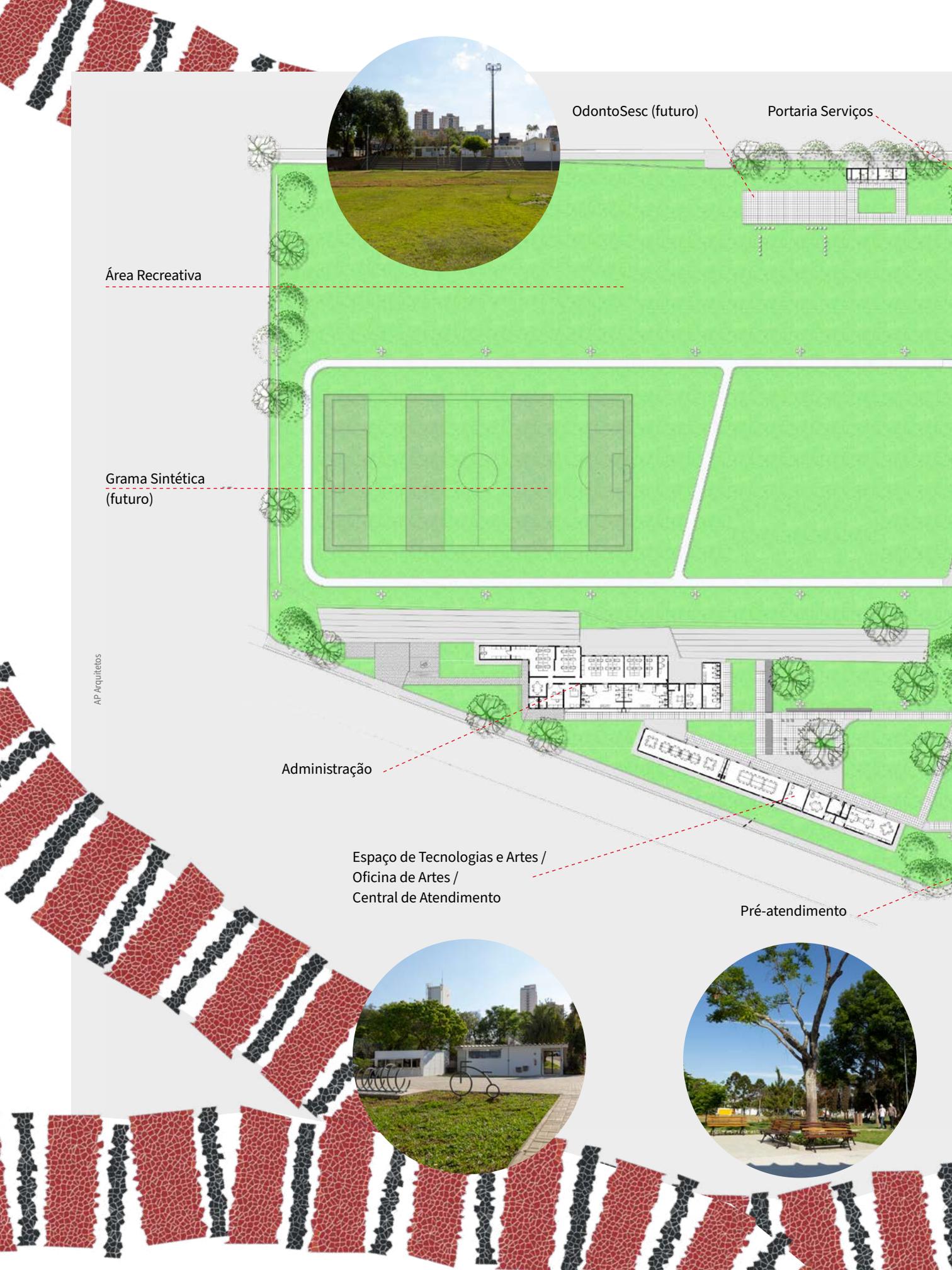
Celophane Cultural



Reprodução

Galpão Múltiplo Uso – Espaço para realização de shows, espetáculos e exposições foi palco da live do show dos músicos **Nando e Sebastião Reis**, transmitido pelo canal do YouTube do Sesc São Paulo pelo #EmCasaComSesc, no dia 30 de setembro. Esta ainda foi a primeira ação do Sesc Mogi das Cruzes realizada em parceria com a prefeitura, em celebração ao aniversário de 461 anos da cidade. Assista: www.youtube.com/watch?v=snVYcLVxiss.





OdontoSesc (futuro)

Portaria Serviços

Área Recreativa

Grama Sintética (futuro)

AP Arquitetos

Administração

Espaço de Tecnologias e Artes /
Oficina de Artes /
Central de Atendimento

Pré-atendimento



Apoio Operacional

Espaço de Brincar
Sala Múltiplo Uso

Ginástica Multifuncional

Apoio

Quadra Poliesportiva

Sanitários

Centro de
Educação
Ambiental

Horta

Praça de Eventos

Café (futuro)

Galpão Múltiplo Uso

Convivência / Leitura
Loja / Juventudes

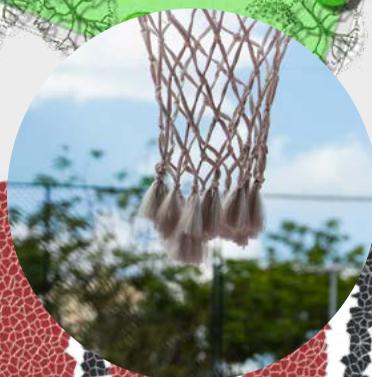
Piscina

Vestiários

Quadra Poliesportiva

ENTRADA
PRINCIPAL

RUA ROGÉRIO TACOLA



Mapa LOCAL

CONHEÇA ALGUNS DOS ESPAÇOS QUE PRESERVAM E NARRAM A MEMÓRIA DESTA CIDADE

Caminhar pelo centro histórico, conhecer mercados, teatros, parques e outros espaços que trazem, cada qual à sua maneira, narrativas e personagens é uma grande oportunidade de aprender sobre Mogi das Cruzes. Neste roteiro, são muitos os lugares a contar episódios do desenvolvimento urbano e da diversidade cultural local. Conheça alguns desses pontos:



Fotos: Adriana Vichi

Theatro Vasques

Patrimônio Histórico e Cultural, o Theatro Vasques está localizado no Centro Histórico de Mogi, junto ao Largo do Carmo. Inaugurado em 1902, como uma casa de espetáculos para operetas e teatro de revista, o local foi fechado na década de 1930 e reaberto em 1948 para abrigar a Câmara Municipal. Somente em 1980, quando o teatro é reformado, ele é reinaugurado como Teatro Municipal Paschoal Carlos Magno, em homenagem ao ator, teatrólogo e diplomata carioca falecido naquele ano. Em 2002, reapropria-se da denominação original, que também reverencia a história do teatro brasileiro com o nome de um importante representante da classe artística, o ator e dramaturgo Francisco Correa Vasques (1839-1892). Novas reformas foram realizadas entre 2009 e 2013, garantindo a preservação e conservação deste edifício histórico que é considerado um dos teatros mais bem equipados do Estado.

Corporação Musical Santa Cecília

Inaugurado em 1934, este prédio histórico fica no Largo do Carmo, no Centro da cidade. A inauguração da sede se deu em uma sessão solene, para a qual compareceram personagens ilustres da sociedade na época, como José Cury Andere, Salim Elias Bacach, Nesclar Faria Guimarães, Galdino Alves, Isidoro Boucault, Argeu Batalha, José da Silva Pires, José Bonilha e Antonio Martins Coelho. Tradicional reduto de músicos da cidade, é sede da Banda Santa Cecília, responsável pela compra do terreno – na época por um conto de réis – e pela construção. Hoje o prédio está em processo de tombamento pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural, Artístico e Paisagístico de Mogi das Cruzes (Comphap).





Parque Centenário da Imigração Japonesa

Construído em 2008 em celebração ao centenário da imigração nipônica no Brasil, o parque tem no paisagismo e na arquitetura a inspiração na cultura japonesa. Um desses exemplos é o “torii”, um portão associado aos templos xintoístas, símbolo da passagem de um mundo terreno para um mundo sagrado. Inserido na Área de Proteção Ambiental da Várzea do Rio Tietê, o Parque Centenário (como é conhecido) tem 200 mil metros de área, onde estão distribuídos quatro lagos com pontes, quadras esportivas, pista de caminhada, trilhas, estrutura para recreação das crianças, entre outros equipamentos. Nele também foi implantado o Museu Taro Konno, um rico acervo de objetos doados por famílias japonesas da cidade, que preserva e conta a história dos primeiros imigrantes a chegar a Mogi das Cruzes, em 1919.



Mercado Municipal

Cheiros, cores e sabores fazem do Mercado, como também é conhecido, um importante ponto para conhecer a cidade. Criado, primeiramente, no Largo da Matriz, em 1858, o Mercado Municipal ganhou um novo endereço e edificação, construída entre 1892 e 1912, na Rua Coronel Souza Franco. No entanto, em 1960, o prédio foi demolido para dar lugar ao atual, inaugurado em setembro de 1965. Composto por mais de 100 boxes ocupados por pequenos comerciantes e produtores de alimentos locais, este é um espaço privilegiado para ter contato com diferentes produtos que compõem a identidade cultural mogiana.

Fontes: www.mogidascruzes.sp.gov.br e www.comphap.pmmc.com.br.

Novos HORIZONTES

SESC SÃO PAULO CHEGA A MOGI DAS CRUZES

Este mês marca a abertura do Sesc Mogi das Cruzes, nova unidade do Sesc em São Paulo que vem para somar programas e atividades ao dia a dia dos mais de 450 mil habitantes deste município do Estado. “Com essa nova unidade, temos a oportunidade de expandir a ação cultural e educativa do Sesc aos moradores de Mogi das Cruzes e região, com programações nos campos dos esportes, da cultura, da educação, da saúde e alimentação, valorizando o lazer e o tempo livre da comunidade. Pretendemos construir uma relação de diálogo, trocas e aprendizados mútuos com o público frequentador”, afirma o diretor do Sesc São Paulo, Danilo Santos de Miranda.

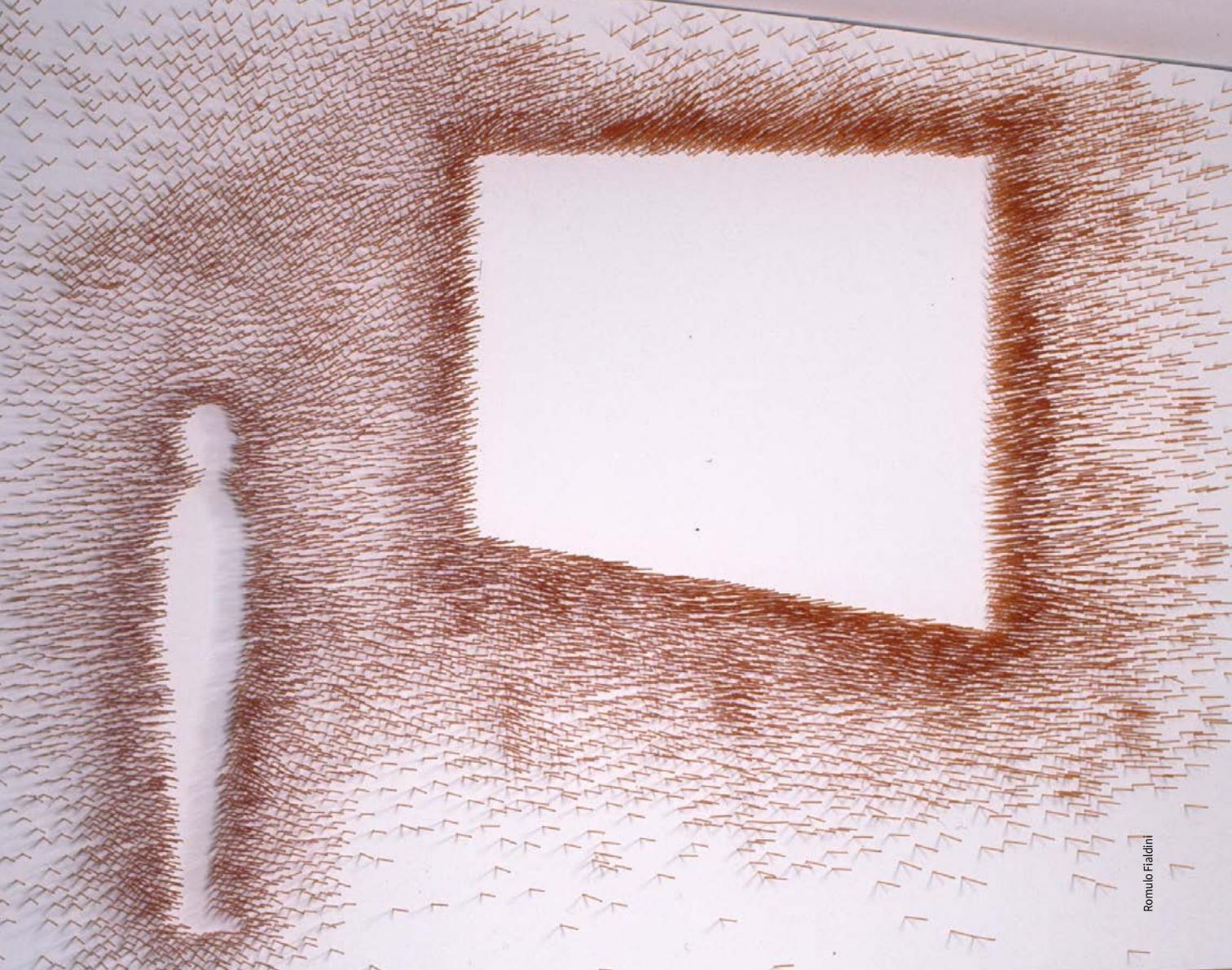
Esta nova unidade ocupa um terreno de 27.287 metros quadrados, com diversos espaços, como o Galpão Múltiplo Uso, para shows, espetáculos e exposições; o Centro de Educação Ambiental, que realizará oficinas, vivências e outras atividades educativas; o Espaço de Tecnologias e Artes e o Espaço de Brincar. O Sesc Mogi das Cruzes está instalado em um terreno onde antes funcionou o Centro Desportivo do município. A fim de preservar esse local que faz parte da história da cidade, reformou as quadras poliesportivas e a piscina onde muitos mogianos aprenderam a nadar. Além de todos os serviços realizados pelo Sesc São Paulo, a unidade Mogi das Cruzes também funcionará como um grande parque por estar em uma extensa área verde aberta e arborizada. Neste espaço voltado para o lazer e a convivência, também foi criada uma pista de caminhada para práticas físico-esportivas. Em razão dos protocolos de cuidados contra a Covid-19, o público poderá conhecer os novos espaços da unidade com visitas guiadas e agendadas.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Ambiente educativo para ser usado livremente pelos frequentadores, o Centro de Educação Ambiental (CEA) também realizará atividades mediadas por agentes de educação ambiental, como oficinas, palestras, cursos e vivências. Organizado sob o guarda-chuva de dois pilares estruturais, Educação Ambiental e Permacultura, o CEA terá três eixos de atuação. O primeiro é *Bioconstrução*, com técnicas construtivas de baixo impacto ambiental, que usam materiais locais, conhecimentos ancestrais e resgatam saberes manuais, a exemplo da técnica de taipa de mão ou pau a pique. A própria criação do espaço incorporou diferentes técnicas de bioconstrução.

O segundo eixo chama-se *Manejo de Água e Resíduos*, para o qual o CEA destina um olhar cuidadoso para a coleta e o tratamento de água, além de implementar diferentes tipos de compostagem para resíduos orgânicos. Por último, o eixo *Cultivo e Conservação* foca principalmente no cultivo de hortas, canteiros elevados, uma miniagrofloresta, áreas de adubação verde e ainda a manutenção da vegetação da área aberta da unidade.





Romulo Fiadini

Nota sobre uma cena acesa ou os dez mil lápis, de José Damasceno (Rio de Janeiro, 1968): obra composta por 10 mil lápis sobre painel de madeira, que integra a Coleção MAM São Paulo

ARTES VISUAIS

Uma das programações que marcam a abertura da unidade do Sesc Mogi das Cruzes é a exposição *Ausente Manifesto: ver e imaginar na arte contemporânea*, sob curadoria de Cauê Alves e Pedro Nery, que poderá ser visitada pelo público a partir do dia 6 de novembro, mediante agendamento. Composta por fotografias, instalações, vídeos e outras linguagens artísticas que ocuparão o Galpão da unidade, a mostra reúne 35 obras do acervo do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM) e de seu Clube de Colecionadores e marca o início de uma parceria entre o Sesc e o MAM.

São criações que revelam o negativo (ou o verso) de uma obra. Como no caso de *Masterpieces (in Absentia: Calder)*, da artista Regina Silveira, que projeta a sombra de um móvel de Alexander Calder esparramando pela parede, distorcendo a peça – à qual não temos acesso. Ou o jogo irônico da obra de Antonio Dias da série *The Illustration of Art*, intitulado *Working Class Hero*, em que o artista se filma comendo um prato de arroz e feijão e depois lava a louça usada, colocando em questão a idealização simbólica da produção artística e do museu.

A exposição *Ausente Manifesto* fica em cartaz até dia 20 de fevereiro de 2022.

Agende sua visita pelo APP Credencial Sesc SP e confira mais informações em www.sescsp.org.br/mogidascruzes.





Adriana Vichi



ESPERANÇA como legado

A GRANDEZA E OS TALENTOS
DO ATOR, PRODUTOR, DIRETOR E
GESTOR CULTURAL SÉRGIO MAMBERTI
DENTRO E FORA DOS PALCOS

Na arte e na vida, Sérgio Mamberti (1939-2021) trilhou, com maestria, distintos caminhos que o inseriram entre os artistas essenciais de seu tempo e de sua gente. Em mais de seis décadas de carreira, o ator, diretor, produtor, autor, artista plástico e gestor cultural construiu uma sólida trajetória que se confunde, por vezes, com alguns dos momentos emblemáticos do cinema, do teatro e da teledramaturgia do país. Engajado na política, deixou um legado único também como fomentador de políticas públicas culturais. Em cada passo reafirmava, convicto, a esperança no coletivo – e de que o melhor ainda estava por vir.

Nas palavras do professor do Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) Wanderley Martins, Mamberti destacava-se nas mais diferenciadas dramaturgias e experimentações desde a década de 1960. “No começo da sua carreira já brilhava com o Grupo Decisão, ao lado de Antônio Abujamra (1932-2015), em importantes releituras de clássicos adaptadas à contemporaneidade, como *Antígone América*”, explica. Ao lado de Paulo Villaça (1933-1992) e Ruthinéa de Moraes (1930-1998), deu voz ao universo de personagens marginalizados pela sociedade em *Navalha na Carne*, de Plínio Marcos (1935-1999), na qual interpretou o camareiro homossexual Veludo.

O ator em registro feito
para entrevista à *Revista E*,
publicada em março de 2020



Marissa Uchiyama

Em cena da peça *Chuva*, em 1978

O texto, de 1967, considerado subversivo pela ditadura militar, foi censurado. “Já a sua participação na estrondosa e avassaladora montagem de *O Balcão*, de Jean Genet (1910-1986), dirigida pelo argentino Victor García (1934-1982), foi uma das suas mais destacadas performances. O Juiz criado por ele evidencia um rigoroso preparo vocal”, analisa Martins, referindo-se à antológica montagem – cuja estreia aconteceu em dezembro de 1969, depois de muita dúvida sobre a viabilidade do projeto –, também estrelada, idealizada e produzida por Ruth Escobar (1935-2017).

Nascido em Santos, litoral paulista, Sérgio se formou na Escola de Arte Dramática (EAD) da Universidade de São Paulo (USP) nos anos de 1960. A diversidade de experiências vividas na instituição – com colegas

como Sylvio Zilber, Myriam Muniz (1931-2004), Silnei Siqueira (1934-2013) e Ilka Zanotto –, o rigor técnico e a disciplina proporcionados pelo curso o prepararam para o turbilhão cultural que, nas décadas seguintes, mudaria o padrão das encenações brasileiras.

ARTE DA GENEROSIDADE

“Sérgio Mamberti era um tipo de ator clássico, que conseguia imprimir verdade a qualquer personagem que interpretasse, o que fazia com um carisma nato. Ator generoso com os colegas com quem contracenava, ele acabava por sobressair justamente pela naturalidade com que exercia o ofício e pelo companheirismo com quem dividisse a cena com ele”, pontua o jornalista e membro da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) Miguel Arcanjo Prado.

“Mamberti se apropriava de cada palavra, dando a ela infinitas possibilidades de significado, deixando cada texto que dizia mais profundo e poético”, completa.

Traços que se fazem notar tanto nas atuações marcantes para o grande público, como a do mordomo Eugênio na novela *Vale Tudo* (1988) ou a do carismático Dr. Victor Stradivarius da série infantil *Castelo Rá-Tim-Bum* (1994), quanto em alguns dos clássicos do cinema brasileiro – a exemplo de *O Bandido da Luz Vermelha* (1968), de Rogério Sganzerla, *Toda Nudez Será Castigada* (1973), dirigido por Arnaldo Jabor, e *A Dama do Cine Shanghai* (1988), de Guilherme de Almeida Prado.

A partir dos trabalhos na sétima arte nasceu a amizade com a atriz e diretora Helena Ignez, ícone do movimento Cinema Marginal. Conheceram-se no Rio de Janeiro, nos anos 1960, e seguiram amigos durante toda a vida. “O Sérgio era alegria, era amor. Havia uma enorme qualidade na elaboração dos personagens, resultado de muita dedicação ao ofício, ao atuar. Era essa a sua marca registrada”, lembra a atriz.

Helena testemunhou de perto uma das fases mais felizes da vida do amigo, ao ser madrinha de sua união, em 1964, com a atriz Vivian Mehr (1942-1980). Do matrimônio nasceram os filhos Duda, Carlos e Fabrício Mamberti. A prematura morte da companheira, aos 37 anos, deixou uma profunda cicatriz no artista. Em 1982, Sérgio conheceu Ednardo Torquato, com quem viveu por 37 anos. Juntos, adotaram a filha Daniele. Em 2019, experimentaria o luto mais uma vez, com a morte do companheiro. Essas e outras passagens da vida do ator estão presentes na biografia *Sérgio Mamberti: Senhor do Meu Tempo*, lançada pelas Edições Sesc São Paulo (*leia boxe Memórias luminosas*).

POLÍTICAS CULTURAIS

Ativista político desde a juventude, Mamberti assumiu vários cargos do então Ministério da Cultura a partir dos anos 2000. Dedicou-se às secretarias de Artes Cênicas, Identidade e da Diversidade Cultural, e foi secretário de Políticas Culturais. Presidiu, ainda, a Fundação Nacional das Artes (Funarte) de 2008 a 2010. ▶

Com a atriz Myriam Muniz
em *Bodas de Sangue* (1961)





Waldir de Souza

Sob direção de Antônio Abujamra, o ator encena *O Inoportuno* (1964)

Artista de seu tempo

SÉRGIO MAMBERTI PARTICIPOU DE 36 FILMES, 38 NOVELAS E CERCA DE 80 PRODUÇÕES TEATRAIS. CONHEÇA ALGUNS DOS SEUS TRABALHOS MARCANTES NO TEATRO, CINEMA E TELEVISÃO:

ESPETÁCULOS

- 1964 *O Inoportuno*, de Harold Pinter. Direção: Antônio Abujamra
1968 *Navalha na Carne*, de Plínio Marcos. Direção: Jairo Arco e Flexa
1969 *O Balcão*, de Jean Genet. Direção: Victor García
1975 *Réveillon*, de Flávio Márcio. Direção: Paulo José
1984 *Hamlet*, de William Shakespeare. Direção: Márcio Aurélio
1985 *Tartufo*, de Molière. Direção: José Possi Neto
1995 *Pérola*, de Mauro Rasi. Direção: Mauro Rasi
2015 *Visitando o Sr. Green*, de Jeff Baron. Direção: Cássio Scapin
2019 *O Ovo de Ouro*, de Luccas Papp. Direção: Ricardo Grasson



Lee Kyung Kim

► Seu trabalho foi crucial para a criação de editais que descentralizaram a gestão da cultura, dando espaço para a diversidade existente no país. “Em sua gestão foi pensada uma dimensão política da cultura em três eixos: Simbólico (de criação), Direitos Culturais e Economia Criativa. Valorizou e incentivou o movimento dos povos indígenas, a Rede Cultural do Campo, a democratização das leis de incentivo e o Fundo Nacional de Cultura”, detalha o professor Wanderley Martins.

Para o ator e presidente do Instituto Inhotim, Antonio Grassi, que também ocupou a presidência da Funarte por dois mandatos (de 2003 a 2007 e 2011 a 2013), Mamberti foi fundamental na construção e na consolidação de políticas públicas para a cultura. “Mamberti incorporou ao trabalho a periferia, trouxe um novo olhar para a gestão cultural sem jamais perder a ternura, o que é muito difícil de ver na gestão pública. Ele tinha esse traço afetuoso, poético, sem radicalismos, como forma de lidar com as pessoas e as ideias, inclusive de quem discordava dele”, revela Grassi.

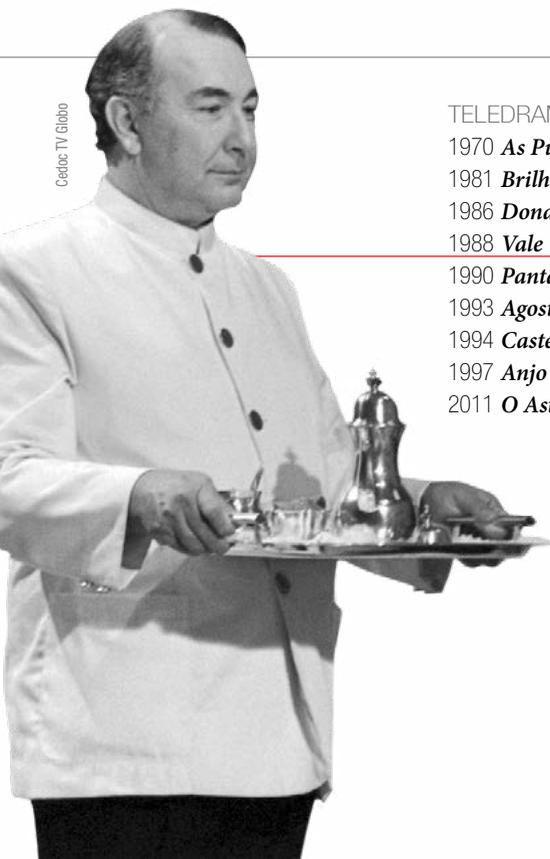
Nos palcos, seu último trabalho foi o espetáculo *O Ovo de Ouro*, que esteve em cartaz no teatro do Sesc Santo Amaro em 2019. Com direção de Ricardo Grasson e texto de Luccas Papp, a peça aborda a função dos comandos especiais formados por prisioneiros judeus selecionados para trabalhar nas câmaras de gás durante a Segunda Guerra Mundial. A montagem evidenciava a disposição do então octogenário ator, que faz uma homenagem ao seu David, pai da falecida esposa Vivian, em colaborar com jovens talentos – Papp



Patrícia Abreu (direção de fotografia); Luciana Buarque (direção criativa) - Projeto LuPa Retratos

escreveu *O Ovo de Ouro* em 2014, aos 21 anos. A bem-sucedida temporada foi um marco na carreira do incansável Mamberti, que atravessou a vida sempre vislumbrando novos destinos.

A peça reestreado em outubro, no Sesc Vila Mariana, com Duda Mamberti, filho de Sérgio, fazendo o papel do pai, em uma homenagem ao ator. ■



Cedric TV Globo

TELEDRAMATURGIA

- 1970 *As Pupilas do Senhor Reitor* (Record TV)
- 1981 *Brilhante* (TV Globo)
- 1986 *Dona Beija* (Rede Manchete)
- 1988 *Vale Tudo* (TV Globo)
- 1990 *Pantanal* (Rede Manchete)
- 1993 *Agosto* (TV Globo)
- 1994 *Castelo Rá-Tim-Bum* (TV Cultura)
- 1997 *Anjo Mau* (TV Globo)
- 2011 *O Astro* (TV Globo)

FILMES

- 1968 *O Bandido da Luz Vermelha*
Direção: Rogério Sganzerla
- 1973 *Toda Nudez Será Castigada*
Direção: Arnaldo Jabor
- 1982 *Rio Babilônia*
Direção: Neville de Almeida
- 1987 *A Dama do Cine Shanghai*
Direção: Guilherme de Almeida Prado
- 2000 *Brava Gente Brasileira*
Direção: Lúcia Murat

ESPECIAIS

- 2009 *Sala de Cinema – Sérgio Mamberti* – SescTV
- 2020 *Sérgio Mamberti em “Plínio Marcos, um Homem do Caminho”* #EmCasaComSesc
- 2021 *Leitura de “A Mosca Verde”*, de Ed Anderson

Memórias luminosas

LIVRO CELEBRA A VIDA DE UM ARTISTA
SÍMBOLO DE ENTUSIASMO E ESPERANÇA

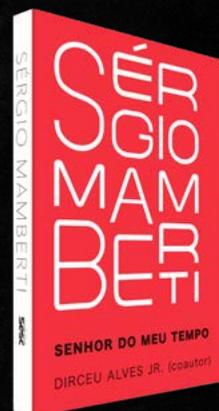
Sérgio Mamberti
interpreta o
personagem
O Juiz no
espetáculo
O Balcão,
de 1969

Arquivo Sérgio Mamberti



Arquivo Sérgio Mamberti

Um dos grandes momentos do ator com a atriz
Fernanda Montenegro em *Alta Sociedade* (2001)



Divulgação

Durante quatro meses, duas vezes por semana, o jornalista e escritor Dirceu Alves Jr. dirigia-se ao sobrado – repleto de livros, plantas e peças de artesanato – em que Sérgio Mamberti habitou grande parte de seus 82 anos, no bairro do Bixiga, na região central da capital paulista. O ano era 2018. Das extensas e minuciosas entrevistas colhidas dos encontros com o ator, nasceu a autobiografia *Sérgio Mamberti: Senhor do Meu Tempo* (Edições Sesc São Paulo, 2020). Escrita a quatro mãos, a obra apresenta ao leitor, ao longo de 376 páginas, o homem alegre, festivo, “mas que enfrentou situações muito pesadas no decorrer da vida, muitas perdas de pessoas amadas, várias delas de forma seguida, com pouquíssimo tempo de intervalo”, conforme explica o autor.

No prólogo, a atriz e amiga Fernanda Montenegro escreve sobre o homenageado: “Nunca o vi sem a sagrada esperança ativa”. Os sentimentos de esperança e de resistência acompanham toda a obra, fazendo jus ao entusiasmo com que o ator encarou a existência até o fim da vida – encerrada no dia 3 de setembro, em decorrência de uma infecção nos pulmões. “Os momentos em que o Sérgio mais se emocionou foram aqueles sobre a morte do pai dele e, depois, a morte da Vivian, sua mulher”, comenta Dirceu.

Episódios curiosos, como sua vertente empreendedora, estão presentes no livro – Mamberti foi sócio de um restaurante no final dos anos 1990. A obra detalha, também, histórias saborosas, como sua incursão pelo movimento Desbunde, dos anos 1970, tema do capítulo *Mergulho Lisérgico na Arte*.

“Ele era festivo, esperançoso, vibrante com tudo, com o trabalho, com o amor, com as descobertas, com novas oportunidades, e isso fazia dele uma pessoa luminosa. Ele acreditava que tudo sempre daria certo, que era preciso acreditar, tocar a bola para a frente e não se curvar diante das dificuldades”, enumera Dirceu Alves Jr.



DO 13 AO 20
(RE)EXISTÊNCIA
DO POVO
NEGRO

Diálogos sobre as lutas, conquistas,
manifestações, realidades e a condição
social da população negra.

Programação on-line, gratuita,
com oficinas, bate-papos e apresentações.

13 de maio a 20 de novembro

Acompanhe
sescsp.org.br/do13ao20



Giuliano Ziviani



Estéticas da **RESISTÊNCIA**

EXPOSIÇÃO *BIRICO* APRESENTA
A ARTE ENRAIZADA NA REGIÃO
CENTRAL DE SÃO PAULO

Muitas histórias pulsam no território da chamada *Cracolândia*, na Luz, região central da capital paulista. Há arte, vida e afeto florescendo ali, dia após dia, em meio à rede de atuação sociocultural que acolhe a população em situação de vulnerabilidade presente no local. Nesse ambiente atuam artistas, coletivos e grupos que têm em comum a vivência, a preocupação social e a luta por direitos humanos. O resultado de alguns desses trabalhos pode ser visto na exposição *Birico – Poéticas Autônomas em Fluxo*, em cartaz no Sesc Bom Retiro. A mostra reúne 158 criações de diferentes linguagens artísticas, como fotografia, lambe-lambe, pinturas e peças gráficas. Obras que refletem olhares únicos, poéticos, sobre a paisagem urbana precarizada, as diversas identidades e formas de existência e o cotidiano marcado pela desigualdade e violência, provando que a arte é, também, uma poderosa estratégia de resistência.

A exposição apresenta impressões de obras de artistas urbanos, como Mundano, Mag Magrela e Paulestinos, além de Renata Felinto e Monica Ventura, nomes da arte contemporânea. Ganham espaço na mostra trabalhos de veteranos pouco conhecidos fora das imediações do território, como Yori Ken, Dentinho e Índio Badaross. *Birico* é, ainda, o nome do coletivo criado em 2020 para oferecer suporte e gerar renda emergencial para artistas da comunidade durante a pandemia da Covid-19.

RESISTIR EM CONJUNTO

Sob a mentoria da artista Maré de Matos, o coletivo Tem Sentimento produziu a bandeira gigante que ocupa o vão central da unidade do Sesc. O trabalho traz os dizeres “Atenção: Aqui tem Sentimento”, e é um convite à reflexão sobre a maneira como a população que convive no *fluxo* é constantemente tratada pela sociedade – ora estigmatizada, ora invisibilizada.

Entre as obras coletivas produzidas para a *Birico* também se encontra *Marmitômetro e Repressômetro*. Nas palavras da comissão curatorial, formada por Frederico Filippi, Julio Dojcsar, Pablo Vieira, Raul Zito e Sol Casal, “os painéis de *led* que exibem uma comparação entre bombas e marmitas mostram uma visão clara entre duas forças opostas de ação: a da solidariedade e a da repressão, exibida de maneira quantitativa, quase didática, para que o público reflita sobre as questões mais urgentes da vida, num estágio extremo”.



Giuliano Ziviani

- O *Repressômetro* apresenta números da violência policial no território a partir dos dados coletados pelo movimento Craco Resiste. No lado oposto, a quantidade de marmitas distribuídas no Teatro de Contêiner Mungunzá, espaço cultural situado na região e uma das áreas expositivas da mostra.

Para a educadora Felipa Caldas, apresentar as obras reunidas na mostra é, também, um passeio pela própria vida. “Contar essas histórias é muito gratificante. É algo que vai adiante. Outras pessoas precisam saber que estas pessoas existem. Elas têm esse direito – de saber – e quem está aqui, de ser reconhecido”, explica.

Birico também pode ser vista nos gradis externos da unidade do Sesc Bom Retiro e pela internet, nos conteúdos audiovisuais criados exclusivamente para a exposição. Fica em cartaz até 27 de fevereiro de 2022. ■

ACESSE

Para agendar a visitação

APP Credencial Sesc SP ou, pelo computador,

www.sescsp.org.br/exposicoes

Para conhecer o processo de curadoria e o trabalho dos coletivos envolvidos na exposição

<https://sesc.digital/colecao/exposicao-birico>

Para acompanhar as ações do coletivo Birico

www.instagram.com/birico.arte/

Para conhecer os coletivos integrantes

É de Lei

<https://edelei.org/>

Birico

<https://www.instagram.com/birico.arte/>

Coletivo Tem Sentimento

https://www.instagram.com/coletivo_temsentimento

Craco Resiste

<https://naoconfronto.weebly.com/>

Teatro de Contêiner Mungunzá

<https://mungunzadigital.com.br/>



Giuliano Ziviani

Raul Zito
DESCobrimiento I,
2018. Lambe-lambe



Grupo Mexa.
Fabiola Nascimento
(díptico), 2017.
Lambe-lambe





Chip Thomas
Procession to 2nd site, 2020
Lambe-lambe





Daniel Mello. *Virada*, 2017. Lambe-lambe



Grupo Mexa. ▶
Anitta Silva,
2017.
Lambe-lambe

Em destaque
no centro:
Coletivo
Birico. *Biricar*,
2020. Objeto
Tridimensional

Mathieus José Maria





Giuliano Ziviani

Sol Casal.
Simulato,
2009-2020.
Lambe-lambe

c no

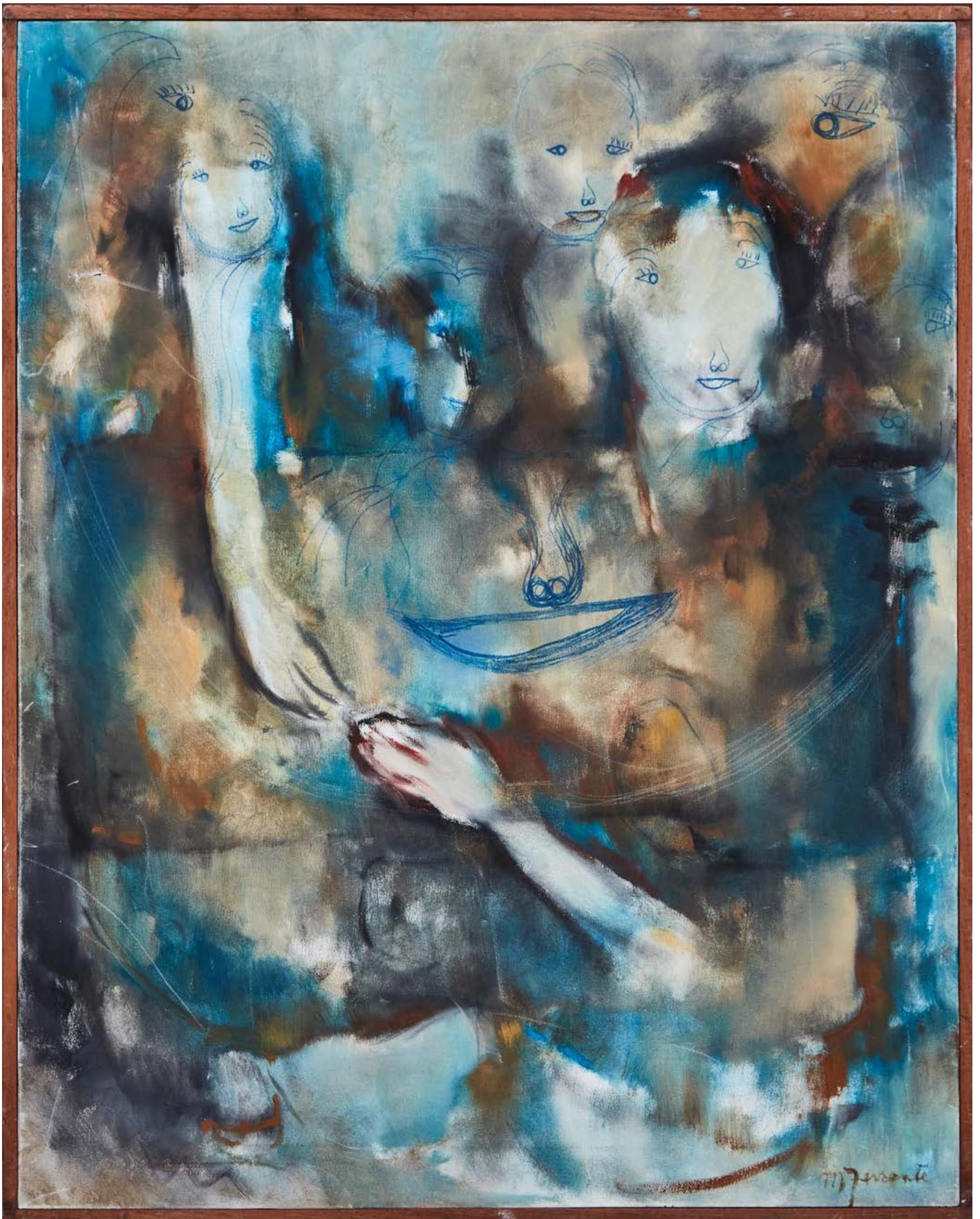




Renata Felinto. *Nos Braços da Mãe Nanã o Amanhã Está Seguro*, 2020. Lambe-lambe



Raul Zito. *Sem Título*,
2019. Lambe-lambe



DIREITO A LOUCURA



Em destaque à direita: Coletivo Birico. *Painel Kawex, 2020*. Lambe-lambe

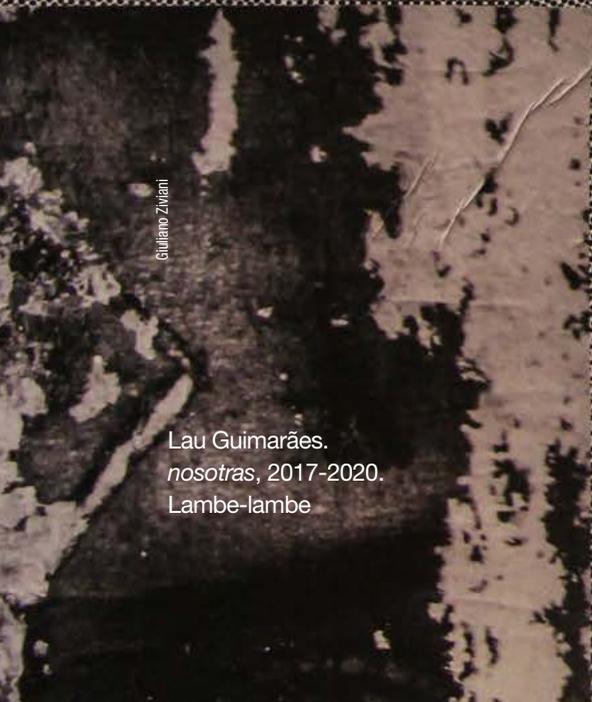
Matheus José Maria

◀ Índio Badaross.
Sem Título.
Lambe-lambe



Dentinho.
Isso É um Cachimbo, 2020.
Lambe-lambe

Giuliano Ziviani



Giuliano Ziviani

Lau Guimarães.
nosotras, 2017-2020.
Lambe-lambe



o lução

inina

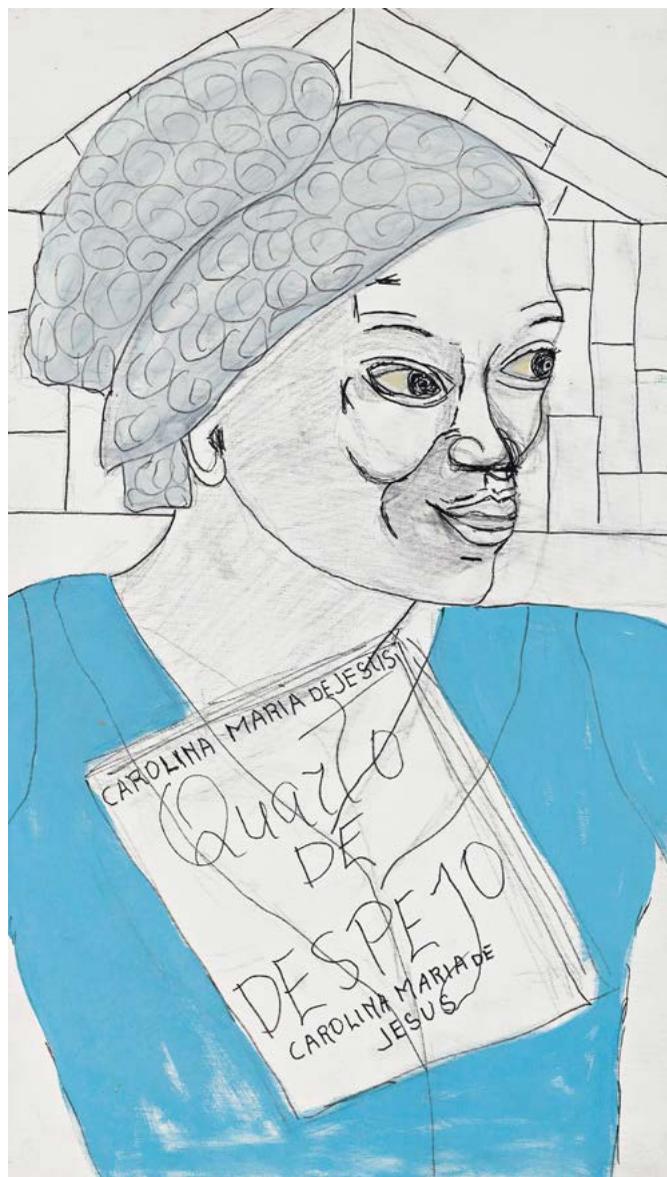
Rainha KAMBINDA

HERANÇA DA ARTISTA
RAQUEL TRINDADE PULSA
NA CENA CULTURAL
CONTEMPORÂNEA

“Meu pai tinha uma frase: Pesquisar na fonte de origem e devolver ao povo em forma de arte”, compartilhou Raquel Trindade, filha do escritor Solano Trindade (1908-1974) e da coreógrafa e terapeuta Maria Margarida Trindade, no podcast *Em Primeira Pessoa*, realizado pelo Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo em 2016, uma das últimas entrevistas da artista, que morreu dois anos depois, aos 81. Estes e outros ensinamentos paternos não só ficaram guardados na memória de Raquel como também lhe serviram como guia ao longo de uma vida dedicada ao fomento e preservação da cultura popular afro-brasileira.

Nascida no Recife, no ano de 1936, a escritora, artista plástica, coreógrafa, professora, pesquisadora e griot (guardiã de saberes ancestrais africanos) estabeleceu-se com a família em Embu das Artes (SP), onde fundou, em 1975, o Teatro Popular Solano Trindade. Criadora da Nação Kambinda de Maracatu, o que lhe rendeu o título de Rainha Kambinda, pelo qual é conhecida, tornou-se uma importante referência para jovens que sobre ela leem, escutam e aprendem e para artistas que com ela puderam conviver e cocriar. Esse é o caso de Patricia Gonzalez, 59 anos, artista visual que a conheceu ainda na infância, em Embu das Artes.

Carolina Maria de Jesus,
Raquel Trindade
(acrílica sobre tela, 2018)



A artista Raquel Trindade na Bienal Naifs no Sesc Piracicaba em 2016

Alexandre Nuni

Sesc 70
2005



Danças Natalinas no Embu (acrílica sobre tela, 2012), de Raquel Trindade

“Conviver com Raquel era, acima de tudo, uma segurança de amizade. No passar dos anos, minha juventude foi muito intensa e sempre recorria a Raquel para me aconselhar. Quando eu achava que estava sendo invasiva, eu sumia um pouco. Daí ela me ligava, sempre me aconselhando e ensinando letras de músicas e danças”, conta Patricia, que já foi dançarina do Grupo Popular Solano Trindade e é professora de Dança Folclórica e de Artesanato na Secretaria de Educação de Embu das Artes e da Apae de Conceição, em Barra de Minas (MG).

Da mesma forma que aprendeu, Patricia pôde compartilhar com a amiga e artista seus conhecimentos em cerâmica, costura e em informática. “Raquel foi minha aluna de modelagem em argila e, quando comprou uma máquina de costura, pediu que a

ensinasse, mas depois disse não ter paciência. Chegou a fazer algumas bonecas de pano, costuradas a mão. Depois, pediu que lhe ensinasse computação, pois queria se comunicar com as pessoas. Nessa fase, encontrei, casualmente, um prêmio e concurso chamado *Mulheres Negras Contam Sua História*. Raquel contou, eu enviei e ela venceu. Foi impressionante”, recorda.

Desde outubro, Patricia Gonzalez expõe seu trabalho na ocupação *Olhares Inspirados: Raquel Trindade, Rainha Kambinda*, no Sesc 24 de Maio, ao lado de dez artistas contemporâneas. Obras que ressoam a influência da mestra e amiga. “Sempre tive habilidade com arte. Meu pai, Hugo Fernando, era artista plástico, e minha mãe, Elza Gonzalez, era artesã. Resolvi me especializar em áreas do artesanato e, em tudo que eu



Mandala
(acrílico sobre tela, 2017),
de Raquel Trindade

criava, sempre haveria algo da cultura popular ou de afro: referências que não tive com meus pais, mas com Raquel. Trago até hoje todos os ensinamentos dessa mulher, amiga, irmã, mãe, mestra. Raquel inseriu em mim um amor enorme pela cultura popular e também o amor ao próximo. Aprendi com Raquel que vale muito mais a pena crescer juntos que crescer sozinho.”

NOVAS GERAÇÕES

Destaque na nova geração de artistas da cena contemporânea das artes, Aline Bispo também carrega consigo os ensinamentos de Raquel Trindade para habitar ilustrações, pinturas e, mais recentemente, fotografia e performance. Uma investigação que mergulha na miscigenação brasileira, nos sincretismos religiosos e étnicos, entre outros temas. “Tive a felicidade de conhecer os trabalhos de Dona Raquel quando tinha entre nove e 11 anos. Em um feriado de 1º de maio, fui com um amigo e outras crianças à Feira

de Embu das Artes e ele me apresentou à Dona Raquel. Vi seus quadros e ela me contou a origem do meu nome. Fiquei encantada com sua presença e, naquele dia, cheguei em casa contando à minha mãe que havia conhecido uma artista e que ela era filha de Solano Trindade”, lembra.

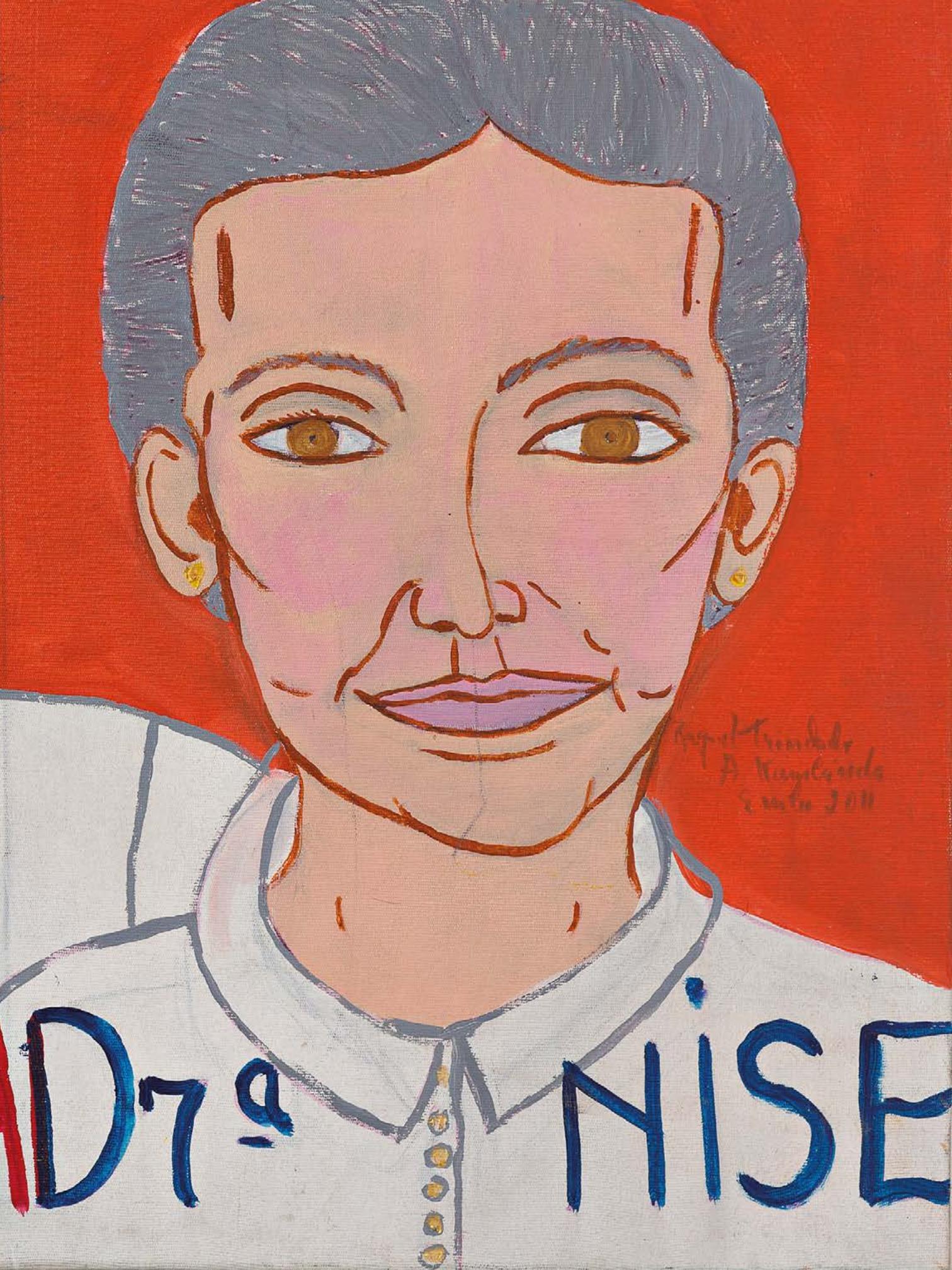
Aline Bispo, que também integra a ocupação *Olhares Inspirados (...)*, recorda que, já mais velha, reencontrou a artista: “Escutei mais histórias nas visitas ao Cita (Cantinho de Integração de Todas as Artes), um espaço de arte e cultura localizado na Zona Sul de São Paulo, ouvindo-a e aprendendo sobre meu território. Também pude aprender vendo e admirando seu trabalho junto à família Trindade e ao Teatro Solano Trindade”.

De lá para cá, a jovem criadora, que já expôs no Museu da Imagem e do Som de São Paulo (MIS-SP), na SP-Arte e em outros espaços, traz essas referências na bagagem. “Eu tenho um respeito por Dona Raquel, pela sua jornada e, especialmente, pela sua capacidade de se comunicar artisticamente contando sua história. Quando penso nela, visualizo a extensão desse conceito para sua vida e isso é incrível. Isso me inspira como mulher e artista”, acrescenta. ■



Retrato de
Maria Margarida
(acrílica sobre
tela, 2011), de
Raquel Trindade

MARGARIDA



*Reginald Brindley
A. K. K. K. K. K.
8. 10. 10. 10.*

D7a NISE

Nossa guardiã

EM DEPOIMENTO,
O MÚSICO VITOR
DA TRINDADE
REFORÇA A
IMPORTÂNCIA
DA PRESERVAÇÃO E
DO COMPARTILHAMENTO
DA HISTÓRIA MATERNA

Meu nome é Vitor da Trindade, sou herdeiro do legado cultural deixado por meu avô, o poeta Solano Trindade, e minha avó, a terapeuta ocupacional Maria Margarida da Trindade, que legaram à minha mãe, Raquel Trindade – A Kambinda, pintora, escritora, folclorista, bailarina e professora das culturas afrodescendentes, conhecida como “memória viva da cultura afro-brasileira”.

Desde os 12 anos de idade sou participante ativo do Teatro Popular Brasileiro, criado por meus avós, aprendendo através da vivência que tive com meus pais e avós a dançar, cantar e compreender como se movimentam as questões ligadas à busca de uma democracia racial, através do conhecimento da história de nossos antepassados, os escravizados que foram raptados no continente africano para serem trabalhadores forçados nas Américas.

Isso me torna primo cultural dos ritmos cubanos do bolero e da rumba, por exemplo, que descendem do culto aos orixás, assim como dos spirituals e da música gospel norte-americana, que, como o Candomblé brasileiro, traz toda uma gama de manifestações que incluem o maracatu, o jongo, o frevo, a capoeira, o samba e suas ramificações e muito mais do repertório tradicional de nossa arte, influenciando em tudo que se refere no Brasil ao que chamamos de cultura negra.

Receber esse legado pode ser muito bom e também por menos vezes muito ruim. E vou tentar desfilar aqui um pouquinho desse meu trabalho. A primeira coisa que devemos saber é que esse legado não é exatamente como herdar uma grande fortuna, que você tem que controlar para que ela não se desgaste e de certa forma impedir que ela se espalhe por mãos alheias. Assim você tem que gastar comedido o seu dinheiro e, de preferência, não fazer grandes distribuições do que você tem ou em um tempo mais ou menos curto terá perdido tudo. Ao contrário.

O meu legado deve ser distribuído de forma indiscriminada a quem se interessar, sem medir ao menos quanto cada um quer levar. E, ao fazer essa distribuição, quem recebeu deve também distribuir da mesma forma, fazendo com que cada vez mais pessoas tenham alcance, aumentando de forma descontrolada o conhecimento e a manutenção desse patrimônio. Porque essa herdade é intangível, e sendo intangível ela só pode aumentar cada vez que ouvida, tocada ou escrita.

Para que o processo de distribuição funcione, você terá muitas perguntas e



respostas para fazer e para dar, assim como decidir entre várias escolhas que direcionarão por onde e para onde e de que forma você quer seguir com este espólio. Você quer ser um artista plástico que transmite através de sua pintura ou escultura as formas e cores das manifestações culturais negras; você vai ser um escritor que contará sobre os vários segredos e sagas dos brasileiros que transpuseram o sacrifício involuntário da escravidão; você vai tocar um instrumento ou cantar as dores e alegrias do nosso povo; vai ser um religioso afrodescendente que cuida da autoestima dos seus fiéis; um jornalista que fala da mortalidade dos jovens negros ou da violência policial nas comunidades; um político que lutará pelas questões afirmativas no Congresso; um jogador de futebol que herdará as pernas organizadas e seguras de Edson Arantes do Nascimento, o Pelé.

Tudo isso é este legado. E a escolha não está em qual profissão você vai escolher, mas para onde você vai direcionar o seu dom, a sua dádiva, o seu testamento. Se você é um jogador que desenha a flecha de Oxóssi para comemorar um gol, ou outro que grita contra o racismo ao final da partida quando foi ofendido por um torcedor, ou quando você se assume negro frente às câmeras de televisão, contrariando o processo de embranquecimento e exclusão da pessoa negra na tela, estará vivenciando este legado que se inicia com o avô de meu avô, que, como Solano dizia, lutou na Revolta dos Malês [movimento de libertação dos escravos liderado por grupos de muçulmanos libertos que aconteceu na Bahia em 1835, 53 anos antes da Lei Áurea, sancionada em 1888].

Ou seja, toda escolha profissional pode ser parte desse legado, pois está conectada a cada pessoa negra que está no planeta Terra. Seja nas Antilhas francesas, nas ruas de Chicago, no Brooklin, no Acarajé, patrimônio de Salvador, no Baque Solto de Pernambuco, nas lojas de produtos religiosos de Madureira, no Rio de Janeiro, ou na Vai Vai no Bixiga, aqui em Sampa, é tudo nosso. É parte da luta organizada pela Frente Negra Brasileira, pelo Teatro Experimental do Negro e pelo Movimento

Negro Unificado. Pela criação da Lei 10.639, de 2003 [que instituiu a obrigatoriedade do ensino da História e da cultura afro-brasileira nas escolas], ou pelas cotas raciais na universidade pública. Tudo é este legado que recebo, pois a vida de cada negro é ligada à de outro.

A parte ruim é que todo esse legado exige um esforço de quem o recebeu para poder cobrir as expectativas que o nome traz. Neste lugar, as pessoas sempre contam e esperam alguma atitude especial que se conecte ao que fizeram nossos antepassados, mas nem sempre podemos cobrir o que se anseia da gente. Desde que minha mãe me definiu como herdeiro do trabalho da Família Solano Trindade, tenho diariamente buscado honrar essa importante missão.

Obviamente, nos primeiros tempos após o falecimento dela foi muito difícil. Acostumados a receber sempre suas ordens, que dificilmente poderiam ser contrariadas, ficamos todos, os mais próximos, um pouco perdidos, e até mesmo no teatro, o elenco e a diretoria, desorientados. Mas aí as coisas foram se movimentando e a forma foi se remodelando na memória e sendo reorganizada, trazendo um pouco de nossa própria forma de encarar os novos e velhos processos deixados sob nossos cuidados.

Estamos aqui firmes e fortes, reaprendendo todos os dias. Contando as histórias que vivemos com Raquel Trindade, suas mudanças quando convalesceu de uma doença grave e que repentinamente, ao som do tambor, saía dançando como se não estivesse sentindo dor cinco minutos antes. Ela que era corintiana e Vai Vai, filha de Omolu, que sempre via o mundo em preto e branco ou branco e preto. Uma mulher que tornava o transporte público em festa, que recebia qualquer pessoa em sua casa, e sempre tinha um café para oferecer, no mínimo. Nós tentamos ser um pouco assim em ação e palavras, mas mesmo não podendo ser tão Raquel, tentamos manter o legado Trindade.

Axé Odara!

VITOR DA TRINDADE é músico, compositor, filho de Raquel Trindade e herdeiro do legado da família Trindade. Participou, com a artista e curadora Renata Felinto, da abertura da *Ocupação Olhares Inspirados: Raquel Trindade, Rainha Kambinda*, transmitida pelo [canal do YouTube do Sesc 24 de Maio](#).



A artista Aline Bispo em obra-performance *Tudo Que Não Cabe em Outro Lugar Se Encaixa Aqui* (2021)

Alberto S. Cerrí



Alexandre Leopoldino

Entre as artistas que participarão da *Ocupação Raquel Trindade, Rainha Kambinda*, está Nenê Surreal, artista visual, educadora social e estilista que utiliza o grafite como meio para discussão do preconceito étnico-racial e de gênero

Olhares inspirados

MOSTRA REÚNE ACERVO PESSOAL DE RAQUEL TRINDADE E OBRAS DE ARTISTAS CONTEMPORÂNEAS

A vida e a obra de Raquel Trindade são o ponto de partida da *Ocupação Olhares Inspirados: Raquel Trindade, Rainha Kambinda*, no Sesc 24 de Maio. Sob curadoria da pesquisadora, educadora, artista e doutora em Artes Visuais Renata Felinto, a ocupação dedica o núcleo central à vida e obra da artista e reúne não só trabalhos, mas também objetos pessoais, como fotografias reproduzidas do acervo familiar, livros da biblioteca pessoal e sua árvore genealógica.

“Buscamos mapear a biografia de Raquel Trindade de forma a apresentar a importância de sua educação informal e familiar para o desenvolvimento de todas as atividades que desempenhou como profissional, trazendo, portanto, uma inseparabilidade entre a casa e a vida, o privado e a rua, como espaços de formação de sua identidade e de suas habilidades”, explica a curadora. Esse terreno familiar seguro e fértil foi essencial “para que se dedicasse e persistisse nas suas atuações profissionais como griot, educadora, coreógrafa, pesquisadora, pintora e gestora, sempre envolvendo as pessoas que estavam ao seu redor”, acrescenta.

Para o segundo núcleo da mostra, a curadoria da equipe de Artes Visuais do Sesc 24 de Maio convidou 11 artistas cujos trabalhos dialogam com a herança de Raquel Trindade. São elas: Aline Bispo, Aretha Sadick, Bianca Foratori, Charlene Bicalho, Daisy Serena, Eve Queiróz, Ione Maria, Maria da Trindade, Nenê Surreal, Patricia Gonzalez e Soberana Ziza. Criadoras que homenageiam a pluralidade da Rainha Kambinda e que reverenciam sua potência negra e feminina.

Além da mostra, serão realizadas atividades nas plataformas digitais e redes sociais do Sesc 24 de Maio: ações educativas e artísticas com arte-educadoras(es), dançarinas(os), pesquisadoras(es), cineastas e roteiristas que estão em constante diálogo com a produção artística afro-brasileira. “*Olhares Inspirados* é uma celebração da figura da multiartista pernambucana, seu legado e defesa da cultura afro-brasileira ao convidar artistas negras e afroindígenas, de diferentes linguagens, para fazer novas criações inspiradas em dimensões da vida e obra de Raquel Trindade”, diz Suamit Barreiro, coordenador de programação do Sesc 24 de Maio.

A ocupação ainda destaca “a presença desses corpos dissidentes – mulheres negras, com diferentes orientações sexuais e identidades de gênero – que fazem frente a uma linha do tempo frequentemente habitada por masculinidades hegemônicas”, complementa o coordenador. Para agendar sua visita à ocupação, que fica aberta ao público até 12 de dezembro, acesse: sescsp.org.br/exposicoes ou no aplicativo Credencial SescSP. A programação integrada ocorre nas redes sociais do Sesc 24 de Maio.

*Confira relatos compartilhados pela artista Raquel Trindade no podcast *Em Primeira Pessoa – A Kambinda*, produzido pelo Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo: sesc.digital/conteudo/cidadania/491/em-primeira-pessoa-a-kambinda.

BUSCAMOS TRAZER UMA PARTE DO UNIVERSO DAS FESTAS,
DAS TRADIÇÕES QUE SE MATERIALIZAM PELOS ESTUDOS DE
FIGURINOS E PELOS ESTANDARTES PENDURADOS NO ESPAÇO

RENATA FELINTO, curadora



Jaqueline Rodrigues

TRINDADE

DOCUMENTÁRIO DE RODRIGO MEIRELES

TRINDADE OUVE OS ECOS DA ESCRAVIDÃO DESDE MENINA.
AGORA, É ELA QUEM CANTA.

ESTREIA DIA 18 DE NOVEMBRO, ÀS 22H

Sesc^{tv}

 /sesc^{tv}





Reflexões sobre a PANDEMIA



Especialistas olham para o passado e fazem uma leitura crítica e criteriosa para formular ideias e, por fim, um conhecimento para a atual e futuras gerações. No entanto, neste momento em que a pandemia provocou e provoca intensas transformações sociais, ambientais, econômicas e políticas, essas análises tornam-se uma tentativa de compreensão do que será do planeta daqui pra frente. Nos dois volumes de *Pandemia Crítica Outono 2020 e Pandemia Crítica Inverno 2020*, uma coedição das Edições Sesc São Paulo e N-1 Edições, organizados por Peter Pál Pelbart, historiadores, filósofos, biólogos e especialistas de diferentes áreas compartilham os efeitos da Covid-19 num âmbito nacional e global. Ao todo, 150 textos analisam as causas imediatas ou remotas da pandemia, todos registrados desde o começo da crise sanitária, em março de 2020, na plataforma virtual da N-1 Edições. Esses textos foram reunidos e distribuídos, em ordem cronológica, nos dois volumes de *Pandemia Crítica*. Entre os temas, a mortalidade e a vulnerabilidade das populações negras, indígenas e quilombolas; o aumento da desigualdade de condições de vida; saúde e alimentação na sociedade brasileira; as relações de poder entre governantes e governados nesse momento de crise; e as formas como foi conduzida a crise sanitária no país e no exterior. Neste *Em Pauta*, publicamos o artigo do filósofo e escritor português José Gil e excertos do texto da historiadora e professora Denise Bernuzzi de Sant’Anna.

O Medo

JOSÉ GIL

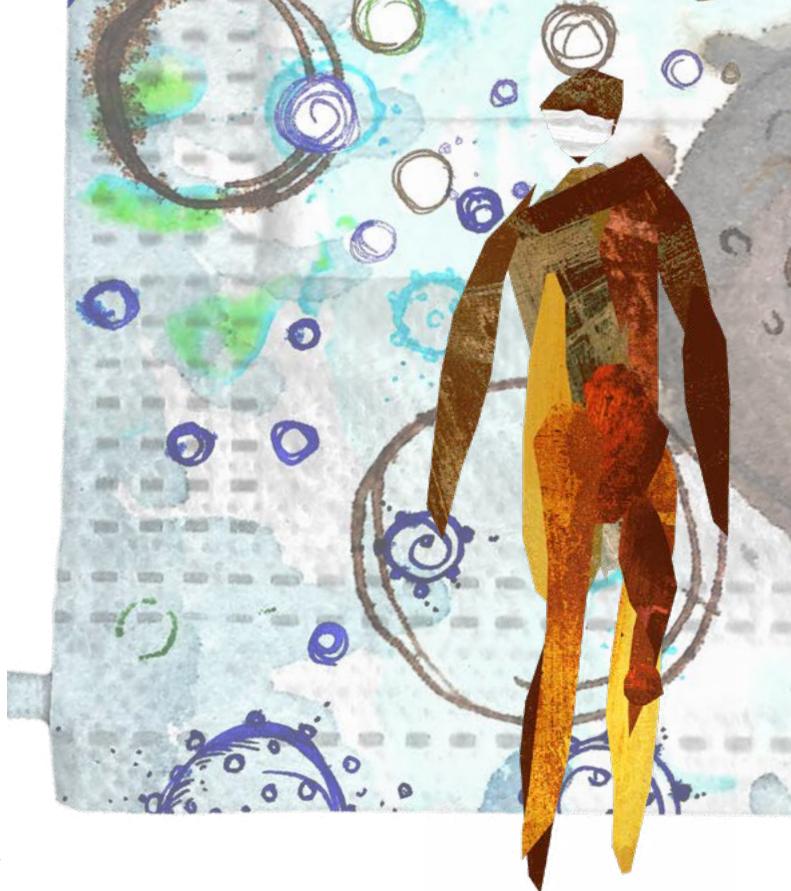
O que vem aí ninguém sabe. Adivinha-se, teme-se que seja devastador. Em número de mortes, em sofrimento, em destruição. Mas, como não temos uma ideia clara do que poderá ser uma tal catástrofe, a ignorância e a confusão amplificam o nosso medo. Será um desastre planetário e regional, coletivo e individual, já presente e ainda futuro, conhecido e familiar, mas sempre longínquo e estrangeiro, destinado aos outros, mas cada vez mais perto. Não é o simples medo da morte, é a angústia da morte absurda, imprevisível, brutal e sem razão, violenta e injusta. Rebenta com o sentido e quebra o nexo do mundo.

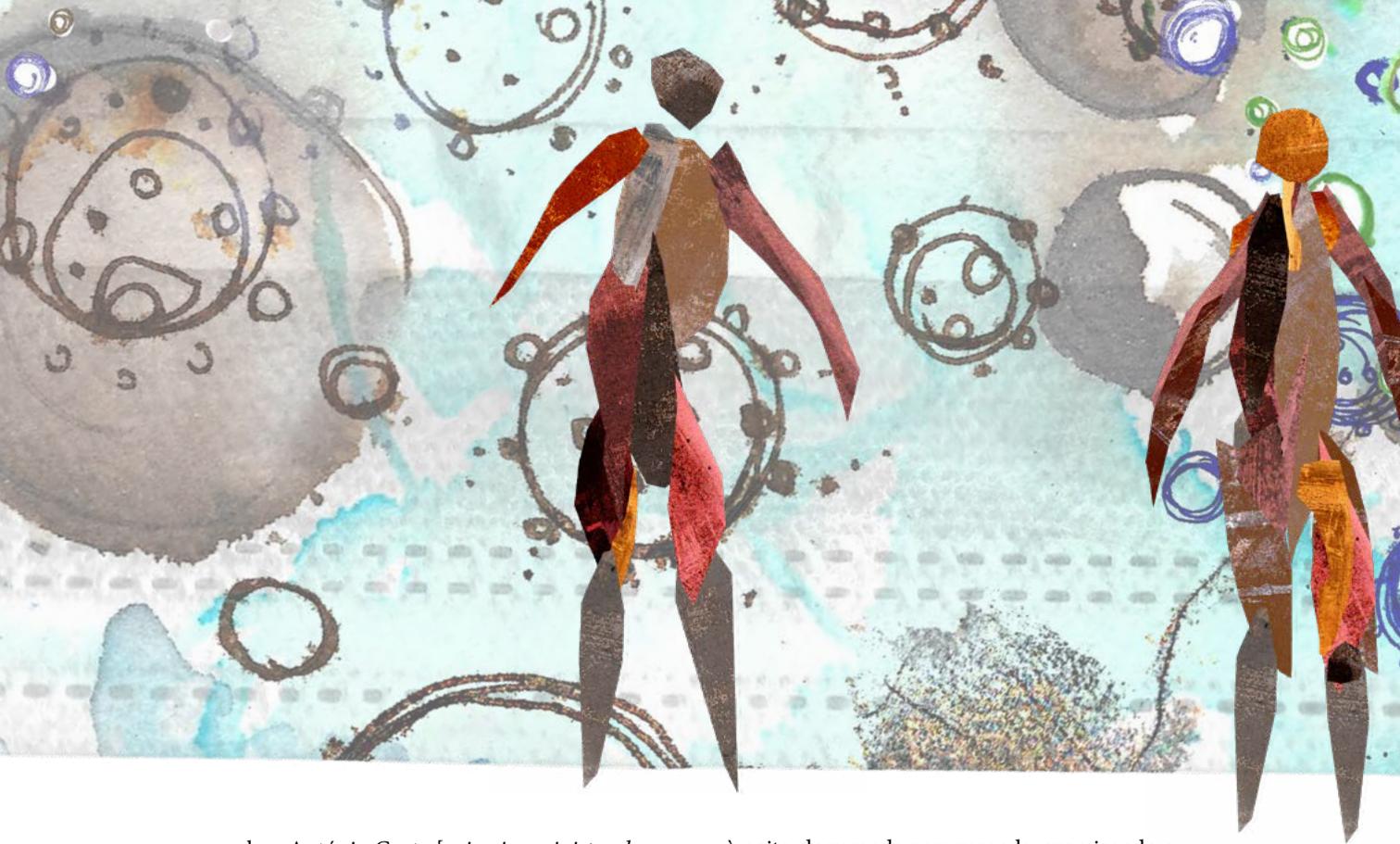
As forças que provocam a pandemia pertencem a uma ordem de causas estranha à ordem humana. E, no entanto, põem-na radicalmente em questão. Constatamos agora que a sociedade, as instituições e as leis que criamos para nos protegerem, e nos assegurarem uma vida justa, falharam redondamente. Não construímos uma vida viável para a espécie humana. Os extraordinários disfuncionamentos dos serviços de saúde de tantos países, a falta de coordenação e solidariedade dos estados-membros da União Europeia quando se tratou de ajudar a Itália, a criminoso e leviana arrogância de Trump [Donald Trump, ex-presidente dos EUA] no caso dos testes, a incapacidade de todos os governos de executar uma política sanitária eficaz sem utilizar meios mais ou menos autoritários, todo esse desnorte que deixou proliferar o vírus mostra de sobremaneira que qualquer coisa de profundamente errado infectou, desde o início, a história dos homens. Emmanuel Macron [presidente da França] acaba de descobrir que “a saúde não é uma mercadoria” que tenha um preço. O coronavírus, pondo em perigo qualquer um, independentemente da sua riqueza ou estatuto, torna todos iguais – não perante a morte, mas perante o direito à vida, à saúde e à justiça.

Não se trata, como já ouvimos dizer, de pôr em causa a nossa civilização, mas

as suas formações de poder e, com elas, o desenvolvimento de laços sociais cada vez menos aceitáveis. Esta terrível experiência que estamos a viver constitui apenas uma antecipação, e um aviso, do que nos espera com as alterações climáticas. O que fazer? Dos órgãos políticos responsáveis vêm-nos ordens e injunções contraditórias. Por um lado, dizem-nos que a luta contra a epidemia só terá êxito se juntarmos todos os nossos esforços individuais, se agirmos solidariamente na consciência da pertença comum à comunidade. Por outro lado, somos incitados a isolarmo-nos, a ficar em casa, a manter o distanciamento social requerido, a não beijar, abraçar, tocar. Cancelam-se os eventos e espaços de lazer, fecham-se as fronteiras. Reduzir-se-á então o nosso contributo a obedecer passivamente ao autoisolamento antissocial?

Está a surgir, espontaneamente, uma solução “tradicional” de compromisso: a comunidade reencontrar-se-ia na ação de governação de um líder firme. Giuseppe Conte, primeiro-ministro italiano, até aqui sem grande popularidade, tem hoje o apoio da grande maioria do povo. Tomou medidas drásticas, mostrou certezas, acalmou a ansiedade e o pânico da população. Sem dúvida que idêntica adesão popular





recebeu António Costa [*primeiro-ministro de Portugal*], pelas mesmas razões e com a mesma empatia. A energia do medo é absorvida pelo líder e transformada em adesão. Qualquer que seja a sua eficácia, esta não pode ser a única e exclusiva “solução”. Que podemos e devemos fazer, nós que nos fechamos em casa, e que não queremos que o autoisolamento se torne apenas uma defesa egoísta da família, numa atitude que reforça, afinal, o corte com a comunidade?

RECUSA DA PASSIVIDADE

É preciso, primeiro, combater o medo da morte. Para tanto, dois requisitos essenciais, a recusa da passividade e o conhecimento do “inimigo”. Quanto mais ativos, mais aptos, mais fortes para afastar o medo. Se bem que o medo acorde a lucidez, e neste sentido possa ser benéfico, sabemos que ele encolhe o espaço, suspende o tempo, paralisa o corpo, limitando o universo a uma bolha minúscula que nos aprisiona e nos confunde. Comunicar com os outros e com a comunidade é furar a bolha, alargar os limites do espaço e do tempo, tomar consciência de que o nosso mundo se estende muito para além dos quartos a que estamos confinados. Foi certamente o que sentiram e fizeram os napolitanos que se puseram a cantar

à noite, de varanda para varanda, exorcizando o medo e criando um novo espaço público comum.

Trata-se de combater este medo da morte. Que não é o medo, digamos, habitual, de morrer, mas uma espécie de terror miudinho, subterrâneo e permanente, que toma conta da vida. Não na apreensão do mal final, mas como se a morte, enquanto avesso da vida, enquanto letargia absoluta, rigidez definitiva, paralisia e abismo, viesse ocupar o terreno do nosso tempo cotidiano. É contra a tendência a sermos capturados por um tal sentimento de medo que é preciso lutar – precisamente, mantendo-nos ativos e preocupados com os outros e a vida social de que fazemos parte.

Este medo é, sobretudo, o medo dos outros. O contágio vem inopinadamente, violentamente e ao acaso. Qualquer um, estrangeiro ou familiar, pode infectar-nos. O acaso e o contato passam a ser perigo e ocasião de morte possível, e todo encontro, um mau encontro. Neste sentido, o outro é o mal radical. A relação com os outros e a comunidade sofre um abalo profundo. O laço social, que, mais do que na inveja e no amor-de-si, se enraíza no “amor” ao outro (como afeto gregário da espécie), encontra-se comprometido, ameaçando romper-se. O outro é o inimigo, que quer a minha morte: do medo do ataque mortal



ao pânico paranoico vai apenas um passo. A epidemia do novo coronavírus faz também emergir, à tona da consciência social, o pior das nossas pulsões mais sedimentadas. Mas também o melhor: aquele afeto, presente desde sempre em certas profissões, como a dos médicos e enfermeiros, torna-se agora plenamente visível aos olhos do cidadão planetário.

Um fenômeno inédito está a surgir: a pandemia transforma a percepção que se tinha da globalização. Sabíamos que ela existia, conhecíamos os seus efeitos (financeiros, climáticos, turísticos), mas só raros tinham dela uma experiência vivida. Graças ao coronavírus, e pelas piores razões, o homem comum tem agora, ao longo do seu tempo cotidiano, a experiência da globalização. Deixou de ser abstrata, tornou-se uma globalização existencial. Vivemos todos, simultaneamente, o mesmo tempo do mundo.

LÁ NA FRENTE

Qual o futuro desta transformação? Podem-se adivinhar já certos efeitos. A consciência planetária do perigo de morte traz consigo uma certa percepção, imediata e concreta da humanidade, como comunidade viva e nua. Para além do que separa os homens, há o que os faz simplesmente humanos, a vida, a morte, o poderoso direito a existir, sem condições nem prerrogativas. O que implica um igualitarismo primário e primeiro, entre os indivíduos e entre os povos. As peripécias dos protecionismos xenófobos e racistas de Bolsonaro e de Trump, em tempo de crise pandêmica, parecem patéticas quando confrontadas com este espírito mundial que se está a formar.

Por outro lado, a informação veiculada pela comunicação social, a dependência de cada cidadão de um país relativamente aos cidadãos de outros países, a exigência premente de coordenação das políticas de saúde (e não só) de diferentes nações, o trabalho em rede de cientistas por todo o mundo está a levar à criação progressiva de poderes transnacionais. São tudo bons sinais que se desenham no horizonte. Acreditamos que tal evolução das consciências só poderá beneficiar a luta decisiva, que virá em breve, contra as alterações climáticas.

(...) DIZEM-NOS QUE
A LUTA CONTRA A
EPIDEMIA SÓ TERÁ
ÊXITO SE JUNTARMOS
TODOS OS NOSSOS
ESFORÇOS INDIVIDUAIS,
SE AGIRMOS
SOLIDARIAMENTE
NA CONSCIÊNCIA DA
PERTENÇA COMUM À
COMUNIDADE



Mas os bons sinais não chegam para nos sossegar. Tanto mais que o medo que nos invade não para de se avolumar. No momento em que escrevo, chovem de todos os lados, da Europa, da América, do Oriente Médio e da Ásia, as notícias mais alarmantes. A pandemia cresce como um tsunami mundial, derruba e mata numa avalanche incontrolável. O medo não é uma atmosfera, é uma inundação. Como resistir, como desfazer ou pelo menos atenuar o medo que nos tolhe? Com mais conhecimento, sim, e mais informação, e mais entejuda e racionalidade. Resta-nos sobrepor ao medo que nos desapropria de nós, o medo desse medo, o de sermos menos do que nós. Resta-nos, se é possível, escolher, contra o que nos faz tremer de apreensão e nos instala na instabilidade e no pânico, as forças de vida que nos ligam (poderosamente, mesmo sem o sabermos) aos outros e ao mundo. ■

Publicado no jornal *O Público* em 15 de março de 2020

JOSÉ GIL é filósofo, ensaísta e autor português de diversas obras, entre elas *Metamorfoses do Corpo* (1980), *O Tempo Indomado* (Relógio D'Água, 2020) e *Fernando Pessoa, ou a Metafísica das Sensações* (N-1 Edições, 2020).



Lavar as mãos, descolonizar o futuro

DENISE BERNUZZI DE SANT'ANNA

Quando Semmelweis¹ propôs aos obstetras que lavassem as mãos, seus colegas não o levaram a sério. Lavar as mãos entre a dissecação de um cadáver e um parto viria a reduzir significativamente o número de mortes, causadas pela febre puerperal. Contudo, na época de Semmelweis, havia o pressuposto de que era comum morrer no parto, ainda mais se tratando de mulheres pobres. É digno de nota que Céline², ele próprio médico e obstetra, tenha começado sua carreira literária com um livro sobre Semmelweis. Céline exaltou a inventividade desse médico, em contraste com quem não admitia novas teorias porque estas ameaçavam poderes e vaidades. Para o escritor, devido à estupidez de alguns, o singelo gesto de lavar as mãos foi adiado e muitas mulheres continuaram a morrer de febre puerperal.

Há, sem dúvida, uma resistência bem conhecida à novidade, típica de alguns membros da comunidade científica; há também uma história das mentalidades que não pode ser ignorada, assim como o papel do paradigma científico de cada época, a episteme de cada cultura. Há, enfim, o medo daqueles médicos de perderem a autoridade se admitissem serem eles o veículo da morte das parturientes. Não

obstante todos esses fatores, o que Céline nos obriga a pensar, e que a pandemia da Covid-19 explicita, é a pequenez dos estúpidos e o quanto eles são maléficos, especialmente quando têm poder.

Somente depois da morte de Semmelweis, em 1865, houve o desenvolvimento da microbiologia e uma mudança significativa

no imaginário dos “monstros invisíveis”. Especialmente nas últimas duas décadas do século XIX, o estudo dos micróbios ampliou milhares de vezes o território do medo e da prevenção: não bastaria evitar os eflúvios nauseabundos, vindos de cemitérios, hospitais ou locais considerados pestilentos. Os conhecidos cuidados de defumar a casa, usar rapé e habitar regiões distantes dos ares infectos deixavam de ser estratégias suficientes para cultivar a boa saúde. Os micróbios exigiram vigilâncias até então incomuns e, a princípio, todos eram igualmente vítimas da mesma ameaça invisível a olho nu. Mas rapidamente a desigualdade social se impôs: os pobres teriam mais micróbios do que os ricos. Prostíbulos e tabernas seriam lugares propícios ao contágio.

Acreditando ou não nessas suposições, lavar as mãos tornou-se uma obrigação incontestável aos trabalhadores dentro dos hospitais. O cenário das cirurgias também mudou, demandando a esterilização, pelo calor, dos instrumentos médicos e o emprego do ácido fênico como desinfetante. Nascia a moderna assepsia enquanto caía no esquecimento tanto a crença nos antigos miasmas quanto o sossego de crer que a sujeira estava apenas no que se via a olho nu.

1 Ignaz Philipp Semmelweis foi um médico húngaro de ascendentes alemães, conhecido como um pioneiro dos procedimentos antissépticos (1818-1865).

2 Louis-Ferdinand Céline, pseudônimo de Louis-Ferdinand Destouches, conhecido simplesmente por Céline, foi um escritor e médico francês (1894-1961). Autor de vários livros, entre eles *A Vida e a Obra de Semmelweis*.



Por um lado, o medo dos micróbios e a luta para combatê-los integram uma longa história, repleta de tentativas para detectar o perigo, torná-lo visível, isolável e controlável. Por outro, esse perigo foi inúmeras vezes apropriado por interesses espúrios, denegado ou transformado em oportunidade para as piores exclusões. Se o gesto de lavar as mãos, assim como o famigerado enunciado, comporta vários sentidos – religioso, profilático, político e antissemita –, por trás deles podemos encontrar os ideais de cada época e também a estupidez. E ela, como bem viu Céline, fornece um recorte extemporâneo a esses múltiplos sentidos.

PESTES E MONSTROS

Recordemos rapidamente algumas monstruosidades e soluções encontradas para as epidemias do passado. A peste bubônica, que assolou a Europa no século XIV, foi muito diferente do antigo flagelo da lepra. Em sua versão pulmonar, ela podia matar em dois dias. O contágio se espalhou com uma rapidez assustadora. Inúmeras cidades do Mediterrâneo foram devastadas, provocando um deslocamento do eixo comercial rumo à Europa do Norte, incluindo Flandres. Diante de seus trágicos efeitos, o contágio entre os humanos se tornou um tema fundamental, levantando desconfiança sobre missas e eventos que favoreciam a aglomeração de pessoas.

Não demorou muito para que suspeitas antigas fossem evocadas: a peste seria um castigo de Deus aos pecadores. Preces, queima de imagens demoníacas, autoflagelação... as formas de exorcizar o mal confirmavam a crença em uma dependência incontestável entre as forças sobrenaturais e a vida humana. Mas também houve quem anunciasse que os judeus eram os culpados porque teriam envenenado os poços

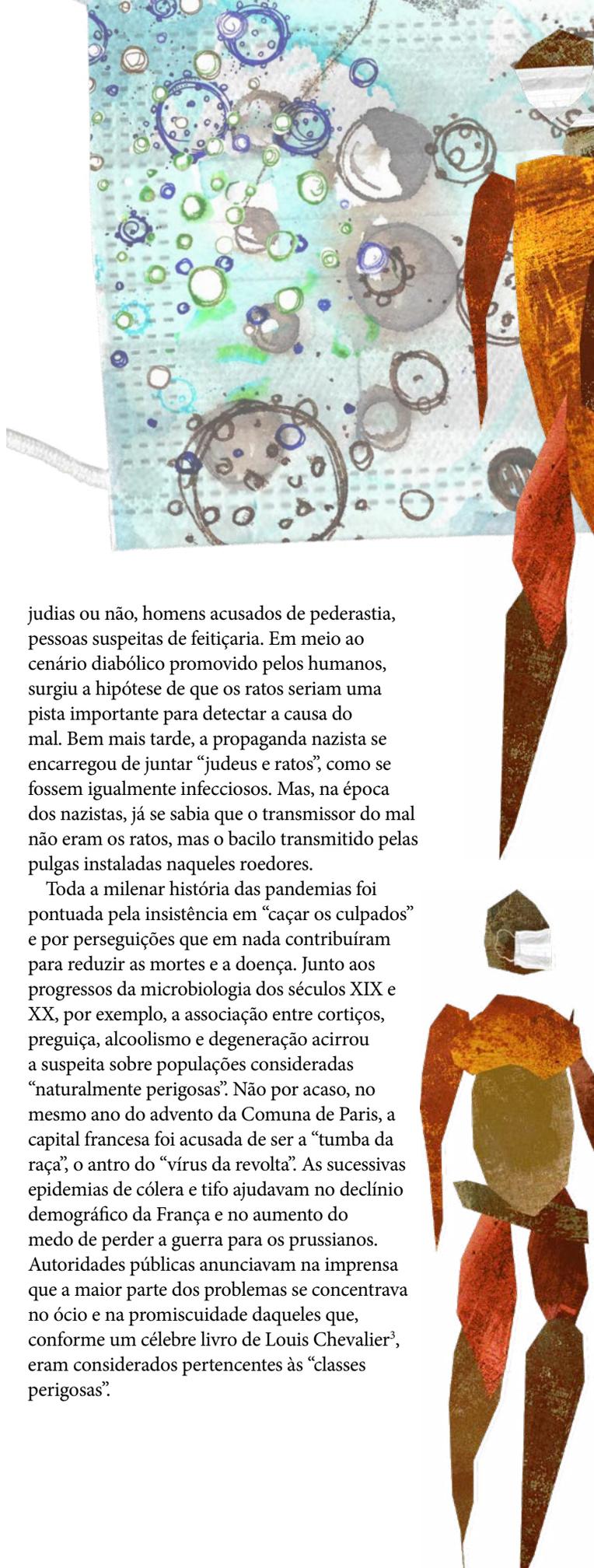
de água, provocando a peste. Muitos foram perseguidos e mortos em fogueiras. O fogo, pensavam, tudo purifica.

Os “missionários de Satanás” também podiam ser mulheres consideradas devassas,

judias ou não, homens acusados de pederastia, pessoas suspeitas de feitiçaria. Em meio ao cenário diabólico promovido pelos humanos, surgiu a hipótese de que os ratos seriam uma pista importante para detectar a causa do mal. Bem mais tarde, a propaganda nazista se encarregou de juntar “judeus e ratos”, como se fossem igualmente infecciosos. Mas, na época dos nazistas, já se sabia que o transmissor do mal não eram os ratos, mas o bacilo transmitido pelas pulgas instaladas naqueles roedores.

Toda a milenar história das pandemias foi pontuada pela insistência em “caçar os culpados” e por perseguições que em nada contribuíram para reduzir as mortes e a doença. Junto aos progressos da microbiologia dos séculos XIX e XX, por exemplo, a associação entre cortiços, preguiça, alcoolismo e degeneração acirrou a suspeita sobre populações consideradas “naturalmente perigosas”. Não por acaso, no mesmo ano do advento da Comuna de Paris, a capital francesa foi acusada de ser a “tumba da raça”, o antro do “vírus da revolta”. As sucessivas epidemias de cólera e tifo ajudavam no declínio demográfico da França e no aumento do medo de perder a guerra para os prussianos. Autoridades públicas anunciavam na imprensa que a maior parte dos problemas se concentrava no ócio e na promiscuidade daqueles que, conforme um célebre livro de Louis Chevalier³, eram considerados pertencentes às “classes perigosas”.

3 Louis Chevalier foi um historiador francês com interesses em geografia, demografia e sociologia. Grande parte de seu trabalho foi dedicado à história da cultura francesa e de Paris (1911-2001).





PESTES E GUERRAS, MÉDICOS E MILITARES, DOENTES E MONSTROS INVISÍVEIS: ESSES PERSONAGENS SÃO CENTRAIS PARA COMPREENDER A MEMÓRIA QUE HOJE FORJA BOA PARTE DE NOSSOS MEDOS E AÇÕES DIANTE DA PANDEMIA PROVOCADA PELA COVID-19



Em meio ao progresso industrial, a ameaça dos micróbios serviu para aguçar o medo de a “raça degenerar” e o temor de os varões perderem a virilidade. Como em outros momentos da história, os casos de sífilis eram vistos como a expressão de uma podridão do sexo, transmitida pelas mulheres. Mas, agora, a invenção das históricas vinha ao encontro da necessidade de converter as taras masculinas em problemas naturais da sexualidade feminina. Com a importância intrigante que Freud deu ao inconsciente, o ideal viril da burguesia triunfante e colonizadora estremeceu mais uma vez. O imaginário de um sujeito em meio a monstros externos invisíveis e, no seu íntimo, descentrado e cindido, contribuiu para que os poderes securitários se desenvolvessem em forma de pregadores, policiais e eugenistas, defensores das supostas virtudes da castidade e do trabalho.

A hecatombe da Primeira Guerra Mundial acabou por expor mais um novo tipo de abalo no ideal das “raças superiores”. Por um lado, nessa guerra, diferentemente das anteriores, os homens foram reduzidos a ratos dentro das trincheiras ou a rãs a rastejar em meio a terrenos minados. Por outro, o mundo que nasceria dessa guerra, e também dos cadáveres da “gripe espanhola”, em 1918, que matou mais de cinquenta milhões de pessoas, seria o de uma mobilização médica e científica sem precedentes.

As novas armas da Primeira Guerra não provocavam os mesmos ferimentos causados pelas conhecidas espadas ou balas de revólver,

pois os estilhaços das bombas dentro dos corpos dos soldados tinham uma trajetória incerta, múltipla, difícil de perceber. Lembravam o formigar de micróbios nos corpos dos doentes da gripe espanhola: espalhavam-se e entranhavam-se em órgãos, veias e nervos. Dificultavam a cirurgia, a reconstituição dos tecidos, o controle das infecções. Os famosos *gueules cassées* (caras quebradas), mostrados nos jornais de vários países, impunham ao mundo o estilhaçar irreversível da figura humana e que, certamente, determinaria todas as tecnologias de poder e as artes dos anos seguintes.

Pestes e guerras, médicos e militares, doentes e monstros invisíveis: esses personagens são centrais para compreender a memória que hoje forja boa parte de nossos medos e ações diante da pandemia provocada pela Covid-19. Esta também vem sendo vivida em meio às duas tendências enunciadas por Céline: a estupidez e a inventividade. Contudo, as armas de ataque e defesa são outras. As possibilidades de sobreviver e de antecipar um futuro mais justo também. ■

São Paulo, 26 de março de 2020

DENISE BERNUZZI DE SANT'ANNA é historiadora, professora livre-docente de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), especialista em História do Corpo, autora de *História da Beleza no Brasil* (Contexto, 2014), *Cidade das Águas: Usos de Rios, Córregos, Bicas e Chafarizes em São Paulo* (Senac, 2019), entre outros livros.

Luciano Piva

PASQUALE CIPRO NETO

esteve presente na reunião virtual do Conselho Editorial da *Revista E* no dia 22 de setembro de 2021



Língua popular BRASILEIRA

MESTRE E MAESTRO DO NOSSO IDIOMA FALA SOBRE A IMPORTÂNCIA DA
LEITURA, A DECOLONIZAÇÃO LINGÜÍSTICA E ADAPTAÇÃO À PLURALIDADE

Os primeiros livros chegaram às mãos de Pasquale Cipro Neto pouco antes de ele completar cinco anos. Quando começou a ler, deixou-se encantar pela palavra. Desde então, o professor, jornalista, colunista e escritor guaratinguetaense dedica-se à “última flor do Lácio, inculta e bela”, como descreveu o poeta Olavo Bilac (1865-1918). Sobre a mesa do escritório ou no computador, textos clássicos e modernos, peças de publicidade, notícias e letras de música são ferramentas para o ensino e aprendizado. Assim, ao longo de mais de 40 anos, o Professor Pasquale alternou-se entre sala de aula, jornal, rádio e televisão, com o programa *Nossa Língua Portuguesa*, que por duas décadas foi ao ar pela TV Cultura. “Gente de diversos setores da atividade cultural e artística, como escritores, cantores, compositores e atores, Deus e o mundo passaram por lá. Tom Jobim esteve em *Nossa Língua Portuguesa*. Eu tive a honra de ter isso no meu currículo: eu entrevistei Tom Jobim. Já posso ir para o céu”, brinca. Atualmente, Pasquale segue nos apontando os mistérios e as belezas de nosso idioma no programa *Nossa Língua de Todo Dia*, pela rádio CBN, de segunda a sexta-feira. Neste *Encontros*, o estudioso conta um pouco de sua trajetória e os atuais desafios do idioma de nossa terra.

PROFESSOR DE PORTUGUÊS

Comecei a dar aula em 1975 e estive em sala de aula, exercendo o ofício, até 1998, regularmente. Depois, de 1998 a 2012, dei aulas especiais. Sempre procurei trabalhar a língua como objeto vivo. Viemos de uma escola muito presa à tradição e o professor de português é vinculado a uma ideia ultrapassada de “certo e errado”, quando precisamos falar de “adequado e inadequado” e de todas as facetas que a língua assume. Sempre trabalhei com textos clássicos, modernos, com a linguagem da publicidade, do jornalismo e letra de música. Exerci durante muito tempo duas profissões: a de jornalista e a de professor. Trabalhei nos anos 1970 na revista *Veja*, na revista *Placar*, em várias coleções da Editora Abril, como *Imortais da Literatura*, *Teatro Vivo* e tantas outras obras publicadas pela Abril. Trabalhei no grupo O Estado de S. Paulo, mais especificamente, no *Jornal da Tarde*. E em 1989 entrei na *Folha de S. Paulo*, onde fiz de tudo: fui colunista, escrevi sobre o meu assunto e outros assuntos em vários cadernos. Lá também montei um

programa de reciclagem de jornalistas, em que fiquei por quase 28 anos. Sempre procurei dar à questão da língua a exposição mais ampla possível, para que as pessoas percebam que a língua é um leque imenso em que cabem muitas possibilidades.

NOTORIEDADE NA TEVÊ

A popularidade aconteceu talvez por uma dessas questões do imponderável. Um dia, a rádio Cultura de São Paulo, dirigida na época pela Maria Luiza Kfoury, que chamamos afetivamente no meio radiofônico como Mana, quis fazer um programa que falasse de português, mas não como um curso tradicional. Apresentei um projeto e gravei um programa piloto, que foi escolhido. O programa de rádio estreou no dia 31 de março de 1992, e, já no ano seguinte, a Mana um dia me disse: “A gente tem que falar como o [Roberto] Murylaert – que era o presidente da Fundação Padre Anchieta –, porque esse programa tem que ir também para a televisão”. Em 1994 estreou na TV Cultura o *Nossa*

Língua Portuguesa, que era uma extensão do programa de rádio, uma extensão das minhas aulas. Gravei seis meses de programa: 26 programas [periodicidade semanal]. Era para ter seis meses de vida e durou 20 anos. Houve uma época em que o programa tinha duas partes: uma parte em que eu falava especificamente de questões da língua e outra parte em que eu levava um convidado para falar sobre a língua. Gente de diversos setores da atividade cultural e artística, como escritores, cantores, compositores e atores, Deus e o mundo passaram por lá. Tom Jobim esteve em *Nossa Língua Portuguesa*. Tive a honra de ter isso no meu currículo: entrevistei Tom Jobim. Já posso ir para o céu.

ESCOLHA DE TEMAS

Sem falsa modéstia, tenho uma memória de elefante. Treino muito isso aqui em casa. Quando a gente está almoçando, pego aquela palavra que surgiu numa conversa, canto um pedaço de música ou já cito um texto literário – um poema, uma crônica ou qualquer coisa assim. Para ter uma ideia, na CBN, quando respondo a um ouvinte – porque quem manda no programa é o ouvinte –, ponho uma, duas, três músicas para ilustrar aquilo que vou dizer. Tiro isso lá do fundo do baú da minha memória. Ouço música desde sempre. Aprendi a ler antes dos cinco anos de idade, tenho essa fixação pela leitura, passo o dia inteiro lendo alguma coisa. Quando abro os e-mails dos ouvintes, vou vendo as dúvidas, redijo o que tenho que redigir para mandar a questão para a produção e assim vai. Na *Folha*, nas mais de mil colunas que escrevi – também escrevi mais de 500 colunas no *Globo* –, eu não podia repetir [o assunto]. Na *Folha*, eu escrevia às quintas, e no *Globo*, aos domingos. Imagina montar duas colunas por semana? Era de enlouquecer. E o assunto era escolhido sempre de acordo com alguma coisa que acontecesse naqueles dias ou era uma coluna fria, que não dependesse dos fatos e que eu pudesse tomar por base um tema qualquer que tivesse algum apoio literário, da música.

LETRA DE MÚSICA

Minha memória é limitada a um certo período. Não conheço a música de uns tempos para cá do jeito que conheço as músicas de uns tempos pra lá. Por isso, muitas vezes preciso estudar. Vou atrás de obras mais recentes, que não conheço tão bem. Justamente para atingir um público diferente daquele que atinjo quando toco Caetano Veloso, Milton Nascimento, Gilberto Gil, Ivan Lins, Elis Regina, João Gilberto, e por aí vai.

Lembro que uma vez entrevistei o querido Chorão (1970-2013). Pouco conhecia da obra dele. Eu levei o Chorão para o *Nossa Língua Portuguesa* porque eu sabia que ele estava na crista da onda, eu sabia que ele atingia um público grande e importante, mas eu não conhecia muito do trabalho dele. O que fiz? Estudei muito, li e fiz a entrevista com ele. Lá pelas tantas, ele me falou: “Puxa, estou muito contente. Eu não sabia que você conhecia tão bem o meu trabalho”. De fato, fui conhecer para fazer o programa, para ter argumento, para conversar com ele. É um trabalho feito de propósito para atingir um espectro mais largo de público.

PRAZER, MACHADO

É muito importante adequar a seleção da obra à idade do público. Acho complicado colocar Machado de Assis (1839-1908) direto para jovens que não têm experiência e vivência com textos literários. Isso pode, num primeiro momento, mais afugentar do que aproximar. Nós temos muitos trabalhos importantes de escritores que estão diretamente ligados às temáticas juvenis, infantojuvenis e que são condizentes com a idade do público escolar. Aí, sim, a gente pode, depois de algum traquejo, introduzir também os clássicos. Mas nessa hora [de introdução dos clássicos], o professor de português ou o professor de literatura são fundamentais. Precisam fazer uma leitura acompanhada, precisam até traduzir. Há muito professor de português que não consegue ler Machado de Assis. Quando a gente pega, por exemplo, o primeiro parágrafo de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, quando o narrador explica por que decidiu escrever o livro como escreveu, quando questiona começar pelo fim, Machado usa ali estruturas sintáticas e um vocabulário que hoje em dia não funcionam mais. Então, se o professor não souber explicar aquilo, a leitura já começa torta na primeira página, não se entende aquilo e perde-se muito do sabor que está naquele livro. Acho muito importante que essa indicação das obras seja muito bem-feita e condizente, respeitando o universo do leitor, mas, aos poucos, deve ser feito um trabalho para que esse leitor também se aproxime desses outros registros. A gente não pode ter a ilusão de que só com o registro recente, só com o registro moderno, forma-se um arcabouço sólido. A gente precisa ampliar isso. Mas, como dizia Paulo Freire [educador e um dos pensadores mais notáveis na história

EU ACREDITO PIAMENTE NA LEITURA E NA INQUIETAÇÃO

da *Pedagogia, 1921-1997*], o professor tem que respeitar aquilo que o aluno traz de casa e depois, com técnica, com sabedoria, com consciência, introduzi-lo num outro universo que complementa os universos que ele já tem.

CULTIVAR PALAVRAS

Vocabulário é leitura. É convívio com as palavras. Sem esse convívio não se amplia o vocabulário. Existem teses por aí que falam do número médio de palavras dominadas por boa parte da população brasileira: de 300 a 500. Obviamente não se incluem aí as variações (menino, menina, meninos, menininha, meninada etc.). O universo de palavras aumenta à medida que a gente lê. Então, não há outra possibilidade que não seja esta: a leitura. E a palavra tem que despertar a curiosidade. Quando a pessoa não sabe, ela tem que ir ao dicionário, tem que ir atrás e procurar usos. Uma coisa que eu sempre fazia, e faço, é explorar muito a etimologia [*estudo da origem e da evolução das palavras*]. Porque a etimologia é um mundo. Quando a gente vai atrás da etimologia, quando a gente descobre o que está por trás da história, da origem e da evolução das palavras, o nosso universo se amplia. Acredito piamente na leitura e na inquietação.

LÍNGUAS EM PORTUGUÊS

“Há uma verdadeira língua portuguesa.” Esse é um pensamento colonizador. Quer dizer, há portugueses – porque não são todos os portugueses – que pensam assim e continuam achando que têm o direito de sair de lá, de chegar aqui, de fazer o que fizeram, de impor a língua deles, de colocar o [*Marquês de*] Pombal para extinguir a língua geral etc., e que deveria sobrar só o que eles trouxeram, e que não há fusão. Esse é um pensamento eugenista, um pensamento lamentável. Fico com José Saramago [*escritor português, Nobel de Literatura de 1998, 1922-2010*], que diz num documentário antológico e que eu recomendo a

todos, *Língua – Vidas em Português* (2001), de Victor Lopes: “Não há uma língua portuguesa. Há línguas em português”. Isso é genial. Por isso, dizer que a língua portuguesa “de verdade” é a de lá é algo limitado, limítrofe. Nós falamos português, sim: a vertente brasileira do português. No programa número um do *Nosso Língua Portuguesa*, eu tratei desse assunto, isso foi em 1994, e um dos participantes foi o querido Haroldo de Campos [*poeta, tradutor e crítico literário, 1929-2003*]. Brilhante, ele defendeu a tese de que nós temos a vertente brasileira do português, mas é português. Também entrevistei no *Nossa Língua* Helder Macedo, escritor português maravilhoso, primeiro não britânico a dirigir a cátedra Camões no King’s College, da Universidade de Londres. Helder tinha acabado de lançar um livro antológico, *Viagem de Inverno e Outros Poemas* (Record, 2000), que foi o centro da nossa conversa. Ele disse: “Não penso que existam escritores brasileiros e portugueses, existem escritores de língua portuguesa”. Então, é por aí.

LINGUAGEM NÃO BINÁRIA

É sempre importante lembrar que a língua é um fenômeno natural. Os processos em língua acontecem naturalmente, não acontecem por imposição. Entendo perfeitamente os argumentos de quem usa a linguagem inclusiva, a linguagem neutra, não binária. Acho que, em certas situações, ela é absolutamente contundente e forte, mas ela ainda não se materializa na prática. As pessoas ainda não dominam esse registro porque ele não é um registro natural, é um registro que vem de fora. Quando a gente pega, por exemplo, o “e” e põe “alunes”, isso é uma saída que se encontrou para esse tipo de coisa. Mas note que não se usa, por exemplo, nessa linguagem, o artigo transformado em elemento neutro, por exemplo “es alunes”. Não tenho visto isso. Mas é uma questão para pensar, porque ela mostra como o processo é delicado, difícil. Deve haver, sim, todo o espaço para toda a diversidade. A gente tem que abrir os olhos para essa questão e conviver com o fato de que não tem mais volta a ideia da pluralidade, a ideia da diversidade. Isso é um fato cabal, consumado. Precisamos prestar atenção nessas questões de linguagem e ver como as coisas se desenvolvem. Se isso naturalmente se acomodar, assim será, o tempo dirá. ■



Velhice não é doença

ESPECIALISTA EM GERONTOLOGIA APONTA CONSEQUÊNCIAS
E DESAFIOS SE NOVA CLASSIFICAÇÃO FOR APROVADA PELA
ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE

O envelhecimento da população mundial é um fenômeno global, uma conquista e um direito garantido pela legislação brasileira no Estatuto do Idoso e na Constituição. No entanto, a partir de 1º de janeiro de 2022, a velhice poderá entrar sob o código MG2A na Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID), documento validado pela Organização Mundial da Saúde (OMS). No Brasil, a quantidade de homens e mulheres acima dos 60 anos tem aumentado principalmente nos últimos 20 anos, e esse quadro só tende a se acentuar nas próximas décadas. Ou seja, num mundo cada vez mais longo, quais os efeitos dessa classificação? Que impactos essa determinação irá gerar na educação, no mercado de trabalho, no âmbito familiar e social? E por que deixamos que o preconceito e a discriminação contra a velhice chegassem ao ponto de enquadrá-la como uma doença? No Sesc Ideias **Porque Velhice Não É Doença**, transmitido pelo canal do YouTube do Sesc São Paulo, o professor da Faculdade de Medicina de Jundiá (FMJ) Alexandre da Silva, especialista em Gerontologia pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e doutor em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (USP), levantou fatores responsáveis por esse cenário, que precisa ser revisto urgentemente. Também participou do debate a fonoaudióloga e especialista em Gerontologia pela Fundação Getúlio Vargas (FGV-SP) Sandra Gomes, que já esteve à frente de políticas públicas voltadas para esse segmento da população. Neste *Depoimento*, Alexandre da Silva, que também assina uma coluna sobre longevidade no portal UOL, fala sobre etarismo, mercado antienvhecimento e outras questões que emergem nesse contexto.

RECONHECER E VALORIZAR

Nós ainda somos uma sociedade que valoriza demais a juventude e desvaloriza o velho, as coisas que são velhas, e que não consegue ter outra perspectiva, ou narrativas positivas, protagonizando quem envelhece e quem já é uma pessoa idosa. Vivemos num cenário extremamente focado no consumo. Então, se essa pessoa que hoje habita o planeta Terra – e podemos trazer isso para o Brasil com facilidade – não consome, não produz, não traz uma lucratividade para um grupo que, de certa forma, domina economicamente o mundo, parece que ela não é convidada a existir, a viver e a usufruir da vida. Essa também é uma sociedade que não sabe lidar bem com os corpos envelhecidos. Pessoas com rugas, flacidez, calvície, alguém que pela idade tenha dificuldade para andar, que perde o equilíbrio, que usa uma bengala... A nossa sociedade não entende e não aceita muito bem que esse pode ser um corpo livre e um corpo com desejos.

ANALISAR INDICADORES

Dentro da Organização Mundial de Saúde (OMS) existem várias necessidades que levam à classificação das doenças. Por exemplo: para fins epidemiológicos e

para pensar em políticas públicas. Mas, quando se fala em envelhecimento, a gente precisa olhar para além das doenças. Por quê? Porque nós conhecemos muitas pessoas com mais de uma doença, algumas sem qualquer doença e outras com uma doença, pessoas que têm muitas incapacidades leves ou moderadas e que mesmo enfrentando algumas dificuldades no dia a dia, fazem tudo que precisam na vida. Falar da doença para se referir à pessoa idosa não é a melhor maneira. Traduzindo: a doença não é o melhor indicador. Por que não estamos falando do indicador chamado “incapacidade funcional”, que é um indicador mais sensível para falar de possíveis consequências do envelhecimento? Algumas doenças podem acometer as pessoas numa fase mais avançada da vida, podendo afetar aspectos físicos, cognitivos e emocionais. Então, existe essa possibilidade de olhar o envelhecimento de uma forma mais adequada, a partir da incapacidade funcional, mas a gente insiste em querer olhar para a doença. Insiste em ter uma cultura focada mais na doença e não na saúde e muito menos em cuidados adequados. E isso tudo envolve a forma de pensar e agir de algumas pessoas idosas e da grande parte da sociedade.



Elio Posa

MERCADO ANTIENVELHECIMENTO

Outra questão é que o mercado quer expandir de qualquer forma, quer se abrir para consumidores, e essa é uma grande armadilha que a gente encontra para entender por que a velhice pode se tornar uma doença. Isso vai abrir um campo para outras frentes de consumo, de lucro, de produtividade. Hoje, quando a gente vai falar desse momento em que corremos o risco de tornar patológica uma fase da vida, que é a velhice, a gente está colocando em discussão possíveis consequências não tão positivas que versam sobre o campo da estética. Então, já que os corpos velhos não são bem-vistos pela sociedade, a gente criou um grande mercado do antienvelhecimento. Se a gente tornar patológica essa fase da vida, é muito provável que tudo aquilo que era estético passe a ser patológico e crie novas possibilidades regulamentadas, porque a velhice se tornaria uma doença.

TRABALHO E EDUCAÇÃO

Quando a velhice, como um todo, se torna algo patológico, a gente também tem uma dificuldade na boa formação de profissionais. Digo boa formação porque nós estávamos começando a observar uma qualidade, um aumento das disciplinas dos cursos de extensão e de pós-graduação sobre envelhecimento. Agora, quando se cria esse código (da doença), acaba-se por colocar tudo sob o mesmo guarda-chuva, ou seja, não há espaço para outras interpretações e diagnósticos. Há de se pensar também que o mercado de trabalho para essa pessoa idosa vai diminuir. Afinal, qual instituição, empresa ou órgão permitirá que pessoas doentes comecem uma atividade laboral? A educação também será prejudicada. A gente fala tanto de envelhecimento ativo, de que o aprendizado ao longo da vida é um pilar importante, mas como é que órgãos públicos, privados e o terceiro setor vão criar formas de educação para quem é considerado doente?

VELHOS E JOVENS-VELHOS

Vai haver também a criação de um paradoxo: pessoas pobres, que por sua vez, historicamente, por suas condições de vida, têm algum diagnóstico de doenças que só acometiam pessoas mais velhas, agora, tendo-as mais cedo, serão mais velhas sem ter envelhecido? Sem terem vivido essa velhice? Portanto, vamos ver esse paradoxo de pessoas mais jovens sendo tratadas como velhas e morrerem de velhice. Além disso, há a questão do plano de saúde, dos seguros de vida que também não

vão aceitar novos clientes porque são pessoas velhas, ou seja, pessoas consideradas doentes. A gente vai correr o risco, se isso passar a vigorar, de penalizar as pessoas que ao longo da sua trajetória de vida conseguiram se organizar abrindo mão de um ou outro desejo, uma ou outra aquisição material para envelhecer com saúde. Essas pessoas poderão ser consideradas a partir de janeiro (de 2022) doentes. Muitos dos planos que elas tinham ali elaborado vão cair por água abaixo, porque elas serão vistas como doentes.

DERRUBAR MUROS

Ainda que esse código não passe a vigorar, a pergunta é: por que nós deixamos chegar a esse ponto? Não vai ser só a não concretização da criação desse código que vai acabar com a ideia de que velhice pode ser doença. Ainda assim, algumas pessoas seguirão achando que “ser velho” é estar sempre doente e vão usar o termo “inho”: “velhinho”, “coitadinho”. Talvez o convite agora seja para a reflexão de todas as sociedades: o que podemos fazer para mudar esse cenário? O que está por trás do pensamento: velhice é doença? Por que a gente, de certa forma, está debatendo que velhice pode ser uma doença e que as outras fases da vida não são doenças? É porque existe uma discriminação contra a pessoa idosa, chamada de idadismo, etarismo ou ageísmo. Assim como outros “ismos” – racismo, machismo –, a gente pode pensar que existem várias manifestações dessa discriminação (contra pessoas mais velhas). A gente não só tem um preconceito, uma ideia que fica na nossa cabeça e que muitas vezes, pelo bom senso e pelos valores, a gente acaba não materializando, mas a discriminação vai além: tenho uma ideia, um preconceito e a partir daí começo a ter práticas e a reforçar outras práticas que vão discriminar. Nessa linha, o idadismo também vai ser manifestado em seu nível estrutural, institucional, interpessoal e internalizado. Quando você me pergunta: como vamos resolver isso? Nós precisamos de certa forma modular todos os momentos, todas as dimensões nas quais todas as discriminações contra a pessoa idosa acontecem.

ETARISMO ESTRUTURAL

Se você fizer uma busca numa rede social: “pessoa idosa saudável”, vai aparecer um padrão de pessoa idosa saudável. Vamos pensar num nível estrutural: qual o

AINDA QUE ESSE
CÓDIGO NÃO
PASSE A VIGORAR,
A PERGUNTA
É: POR QUE
NÓS DEIXAMOS
CHEGAR A
ESSE PONTO?

olhar mais frequente da população brasileira sobre as pessoas mais idosas? Não é positivo. E isso, de certa forma, acaba sendo incorporado pela pessoa mais velha, que acaba naturalizando esse olhar negativo. Não que os mais velhos se discriminem, mas eles acabam naturalizando a forma como são

vistos, pela qual, de certa forma, eles não têm as mesmas qualidades, os mesmos valores, as mesmas virtudes que tinham antes, na juventude, porque o tempo passou. Não reconhecem ou legitimam outras qualidades, virtudes e valores que chegaram com a maturidade. E, nessa dimensão estrutural da discriminação, os mais velhos não entendem que o tempo que passou, os anos acumulados, pode ser de experiências, de aprendizados, de sabedoria, de melhor manejo do perdão, por exemplo. O primeiro ponto, então, é este: mudar essa discriminação que se dá no nível estrutural.

SABERES E PRÁTICAS

Outro momento é a discriminação que ocorre nas instituições públicas e privadas. Quais são os saberes e as práticas vigentes ali? Estamos num sistema democrático, vamos lutar o máximo possível para que seja democrático, e, mesmo nesse sistema, as pessoas idosas não usam esse lugar de fala. Quais são esses saberes e práticas que nós incorporamos na sociedade brasileira? Com certeza não são práticas e saberes da cultura africana, da cultura indígena, da cultura afro-brasileira. Muitas dessas vão ser a favor da presença das mulheres nos espaços, na tomada de decisão, nas chefias, muitas entendem que as pessoas idosas têm uma importância muito grande não só na constituição da família, mas na sociedade. A gente acha que nós, essa geração mais jovem e adulta, criamos a internet, por exemplo. Mentira. Alguém esboçou isso lá atrás, alguém teve essa ideia, alguém deu esse *start*. Então, tudo que nós temos hoje de facilidade foi criado lá atrás. Esses saberes precisam ser urgentemente incorporados e eles estão aí presentes.

AUTONOMIA NA VELHICE

Outro nível de discriminação é o internalizado: a pessoa idosa chega a um ponto em que incorpora todo aquele estereótipo negativo que fizeram dela. E quando ela tenta sair desse estereótipo, ela pode ser tachada como louca, como uma pessoa com demência e outras coisas. Será que uma pessoa idosa pode falar abertamente que ela ainda tem vontade de ter relações sexuais? Que ela quer experimentar outras vidas, que ela quer morar sozinha depois de anos morando com filho, filha, esposo? Ela quer morar sozinha agora. Por quê? Porque sim, sem precisar dar muita explicação, percebe? Ainda mais a mulher idosa, por exemplo, que já vem de uma posição social e cultural que acumula uma série de tarefas, que cuida dos netos, que prepara a comida da casa, que cuida do marido, e todo mundo acha essas tarefas algo muito “natural”, algo que “nasceu com ela”. Então, são todas essas desconstruções, todas essas marcas que precisamos desfazer e perceber que não deram certo, que estão afetando a saúde e a longevidade da população.

QUESTÃO DE EDUCAÇÃO

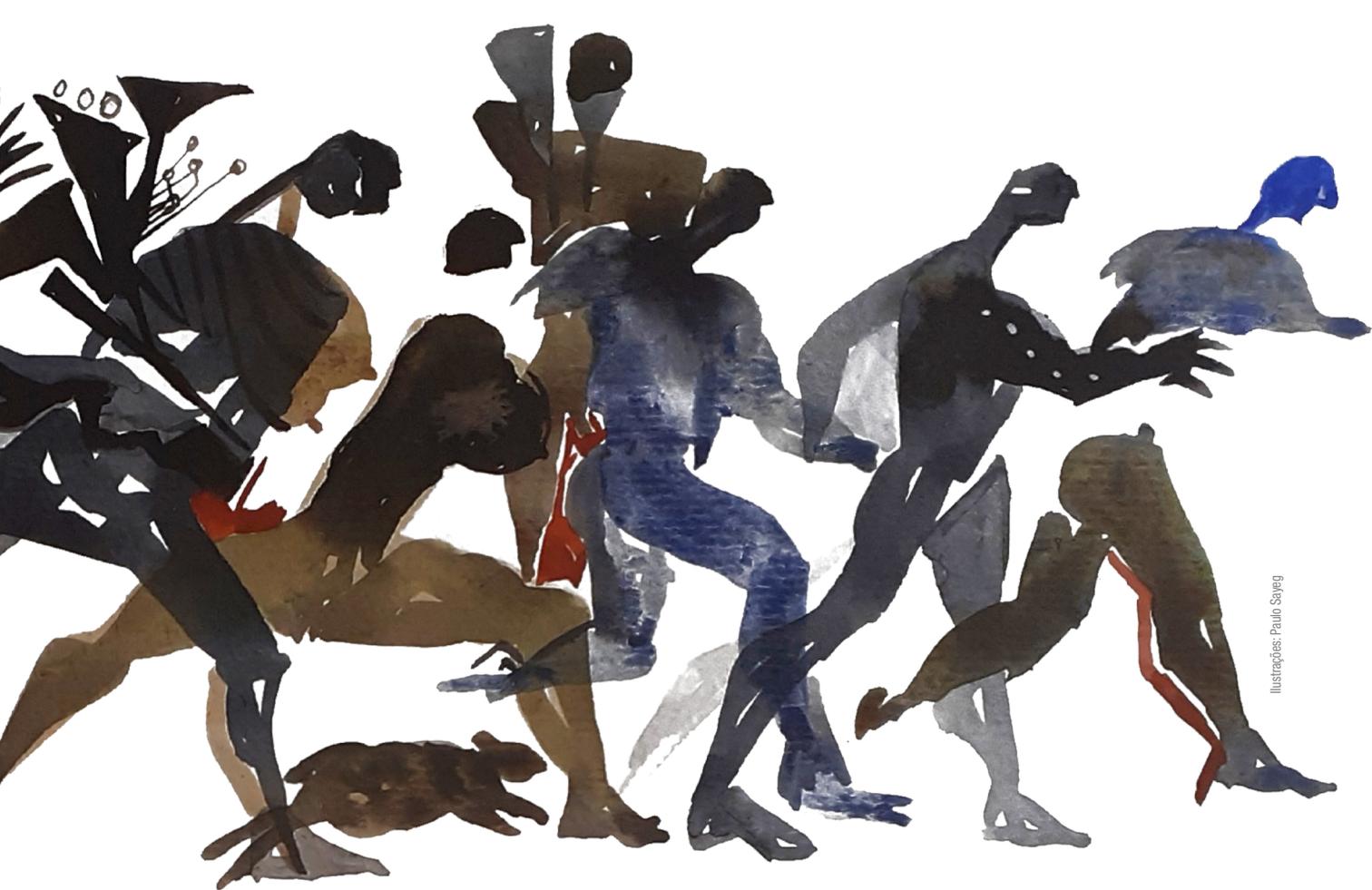
Precisamos também entender que essa pessoa que envelhece, sendo discriminada pela idade, talvez já tenha passado pela experiência da discriminação pelo gênero, pela cor da pele, pelo local onde reside, pela classe social da qual faz parte. Ou seja, existe essa intersecção de discriminações que também faz com que a possibilidade de saúde, de longevidade, fique comprometida. Aqui, incluo a importância das ações intersetoriais. Elas precisam estar muito bem orquestradas, costuradas para de fato atender todas as demandas que as pessoas idosas têm. Pessoas idosas precisam ser ouvidas, não precisam de alguém que, a toda hora, fale no lugar dela. Esse é um ponto na questão interpessoal, como é que a gente permite discriminar o outro a partir de um olhar nosso? Partindo de que ponto os jovens discriminam os mais velhos hoje? Isso foi ensinado. Não acho que uma criança nasça pensando que quando ficar maior ela vai discriminar os mais velhos. Isso passa pela educação. Por isso, precisamos pensar o que estamos reforçando no ensino formal e informal, enfim, nos espaços de ensino e de aprendizagem, para que haja essa discriminação contra a pessoa idosa. ■

*Assista ao Sesc Ideias *Porque Velhice Não É Doença*, disponível no canal do [YouTube do Sesc São Paulo](#)



PASSE

então decidi ser sem relógios
 e agora dorme com mouros e papalvos
 e ouve trombetas e se quiser contrai escarlatina
 e alimenta pombos nas fotografias dos turistas
 e não depende de ponteiros
 nem de aguaceiro ou de fresca
 e tanto pode ser a velha renga a segurar sacolinhas
 quanto o guarda noturno que espia vergonhas nuas
 quanto o caracol abolido por falta de estiga
 quanto as mãos instruídas que adivinham
 cadências vulcânicas e gritos de anacronia
 quanto a jovem crua e negligente
 com aquilo que lhe escorre pelas coxas
 quanto o vilão com cara de flandres
 que apodrece em circunstância de bruma
 quanto a menina antiquíssima que se fia
 em angras e vaus e reticências
 quanto o cardeal a abençoar sopa nenhuma
 quanto a estátua movediça que cala e consente
 quanto o helianto que acompanha a lua
 quanto a boca que se esqueceu como é
 que se mastiga



Ilustrações: Paulo Sayeg

TEATRO DO MUNDO

o capricho maior é feito chuva de cinzas
na arritmia dos destinos
na fúria da terra que soterrou
cartas e futuros plenos
o livro de receitas e adão copulando
a onda inimaginável de imensa que
fez submergir o protopiano e talvez
toda a música e todo o grito
em torno do cio de um incêndio
o esto de um vesúvio

em letras exóticas o retrato do falso prócer
os dragões de bronze e de pó
de enormes gargantas e de esperas
nós e os eternos polegares que
demarcaram prefixos oxidados
monstros de história em quadrinhos
serpentes ao som sinfônico
as lendas em forma de perguntas
um pôster na parede explica
o céu de uma varsóvia

já no primeiro encontro as portas
abrem-se e os poetas saltam
e os plásticos e os pedaços
das conversas sem limites
esse agora é o sal exausto
de uma xangai mansa e cega
e as escadas são também esquecimento
tudo que é conjugável no passado
a história foge nalgum cavalo fátuo
porque tem seu próprio alfabeto

o homem sofre
o homem tem o olhar pequeno
e nega seu sol corroído
são exageros nunca hesitar
nunca suplicar por ideias
seus pés imensos seu rosto avariado
um jazz torto como dentes
abarrota o coração de uma matéria fosca
e aos lábios primitivos resta
sussurrar estrelas

PLANO CARTESIANO

amar sem ter
é paradoxo de tempo e espaço
é sismo sem magnitude
amar sem ver
amar sem nunca saber
é o oco do solilóquio
é o virtuosismo do mormaço
amar sem haver, sem nem refúgio nem regaço
o solipsismo do osso
o insosso do avatar
amar sem contemplar
amar sem abraço
é o aço do estoicismo
é esboço de amar, ameaça
amar sem abranger
é a armadilha da troça
bagaço de amar, sobrosso
amar sem ter vossa mercê
haver-se assim não se possa
amar sem ser



ACENDALHA

É imensa a vida
como nos conta a tinta sobre a tela
do quanto caducam os retratos
e os dedos que seguram este e outro cigarro
pelas noites uma esta fumaça misturada à prece
e às lembranças baldias e inaperfeiçoáveis
o susto no baile em que se vaga sem convite
e o resto o gosto engolido pela dança não solicitada
e o dançar-se apenas por dentro e o queimar-se
lento e insólito da donzela nunca favorecida
– quando a lâmina atinge o cepo
o algoz é o machado
então é isso:
é imensa a vida
são essas flores todas o que a mão pretende
e providencia regas e podas e mudas convictas
e se adoça a estação vindoura como doutrina enquanto que
em cada traço desenhado no negrume noites despencam
dias se reedificam e nascem nossos filhos loucos e
adormecidos ou sérios mas de voz ingênua
guardada e multiplicada noutro corpo
sustada e apreensiva noutro talhe
– a grama cresce e é preciso
amar as janelas
é isso:
as paisagens mudam e mudarão também



os traços da tela e o lapso dos filhos que deixamos
não vir – é quando o pincel chega ao maior rubro
e é o ar de novo e é a chuva devastadora
e a nossa ingratidão a deslembrar da seca
como nos contam as linhas fundas da pele
já que se percebe todo santo dia
que é a vida que vai no quadro e no escoadouro
que há o cansaço da espera e da crença
em receitas que nunca deram certo
esse fazer-se a cama de casal por séculos
mesmo quando já não há parelha alguma
então foi sempre isso:
esse tentar-se margear a vida a partir
dos cavacos catados para se fazer fogo
debruar a vida num jejum intermimo
entendê-la austera e inquebrantável
– no fim o que persiste em nos aquecer
é essa colcha que cerzimos lento
com os retalhos
das intempéries



LUCI COLLIN é escritora, tradutora e poeta, autora de mais de 20 obras. Entre elas: *A Palavra Algo* (2016), *Rosa que Está* (2019) – finalista do prêmio Jabuti 2020 na categoria Poesia –, *A Árvore Todas* (2020) e, a mais recente, o livro de contos *Dedos Impermitidos* (2021), todas elas lançadas pela Editora Iluminuras.

LUTA PELA IGUALDADE



MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO a resistência nas ruas

Ennio Brauns, Gevanilda Santos,
José Adão de Oliveira (org.)

Edições Sesc São Paulo |
Fundação Perseu Abramo

Por meio de um farto acervo
iconográfico e documental, livro
celebra os mais de 40 anos do
Movimento Negro Unificado.



LIÇÕES DE RESISTÊNCIA artigos de Luiz Gama na imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro

Ligia Fonseca Ferreira (org.)

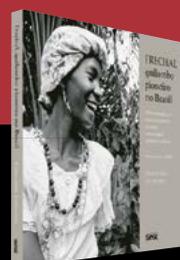
Publicados entre as décadas de
1860 e 1880, textos de Luiz Gama –
negro, ex-escravo e autodidata –
relatam a história de pessoas que
permaneceram sob o regime de
escravidão, mesmo após a Lei do
Ventre Livre, de 1831.



PROTAGONISMO NEGRO EM SÃO PAULO história e historiografia

Petrônio Domingues

Agenciamentos sociais, práticas
culturais e relações de gênero, entre
outros fatos, são analisados para
apresentar um panorama do período
pós-abolição, quando as relações
hierárquicas entre senhores e
escravos deixa de existir.



FRECHAL, QUILOMBO PIONEIRO NO BRASIL da escravidão ao reconhecimento de uma comunidade afrodescendente

Christine Leidgens

A partir de textos e imagens,
fotógrafa belga reúne a experiência
de seis anos vividos na comunidade
negra de Frechal, no Maranhão, e
traça um panorama histórico desde
a abolição até 1992.



Central de Atendimento do Sesc Av. Paulista

OS EMPREGADOS COM REGISTRO EM CARTEIRA PROFISSIONAL, OS ESTAGIÁRIOS, OS TEMPORÁRIOS, OS DESEMPREGADOS HÁ ATÉ 24 MESES E AS PESSOAS QUE SE APOSENTARAM ENQUANTO TRABALHAVAM EM EMPRESAS DO RAMO DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO PODEM CREDENCIAR-SE NO SESC.

CREDENCIAL PLENA

- **titular**
trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo - documento de identidade, CPF, carteira profissional atualizada e assinada que comprove o vínculo empregatício e foto 3x4*.
estagiários do comércio de bens, serviços e turismo - termo de compromisso ou carteira de trabalho em que conste o número do CNPJ da empresa, documento de identidade, CPF e foto 3x4*.
temporários do comércio de bens, serviços e turismo - contrato de trabalho ou holerite, carteira profissional atualizada, documento de identidade, CPF e foto 3x4*.
desempregados do comércio de bens, serviços e turismo - documento de identidade, CPF, carteira profissional com o último registro comprovando estar desempregado há até 24 meses e foto 3x4*.
aposentados do comércio de bens, serviços e turismo - documento de identidade, CPF, carteira profissional que comprove aposentadoria quando trabalhava em empresa do comércio de bens, serviços e turismo, além de comprovante do órgão de Previdência Social contendo essas informações e foto 3x4*.
titular falecido - o dependente de trabalhador, estagiário, temporário ou aposentado do comércio de bens, serviços e turismo falecido poderá requerer sua Credencial Plena. Além dos documentos citados na lista de titular e dependentes, deverá apresentar também a certidão de óbito.



- **dependentes**
cônjuge - documento de identidade, CPF, certidão de casamento, ou de nascimento de filhos em comum, ou, ainda, declaração de união estável e foto 3x4*. *Para os casos de união estável, a certidão deve mencionar os nomes do casal, os números dos documentos de identidade e assinatura de ambos.*
filhos, enteados, netos e tutelados (até 21 anos) - certidão de nascimento ou documento de identidade, CPF e foto 3x4*. *Para os netos, além desses documentos, apresentar também documento que comprove o parentesco com o titular. E para os tutelados, comprovante de tutela.*
filhos, enteados e netos (entre 22 e 24 anos) - documento de identidade, CPF, foto 3x4* e comprovante de matrícula ou pagamento recente de mensalidade em ensino superior, profissionalizante, pós-graduação (lato sensu, stricto sensu ou residência médica), preparatório para o ensino superior ou educação de jovens e adultos (EJA).
pais e padrastos - documento de identidade, CPF e foto 3x4*. *Para os padrastos e madrasas, é necessário apresentar documento que comprove união com o pai ou mãe do titular.*
avós - documento de identidade, CPF, documento que comprove o parentesco com o titular e foto 3x4*.

A INSCRIÇÃO É GRATUITA, VÁLIDA POR ATÉ 2 ANOS EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL E PODERÁ SER FEITA PELO TITULAR OU DEPENDENTES MAIORES DE 18 ANOS EM QUALQUER UNIDADE DO SESC.

CREDENCIAL ATIVIDADES

A emissão da Credencial Atividades é gratuita, individual e permite o acesso às atividades, desde que haja disponibilidade de vagas, sem estabelecer vínculos associativos. Menores de 18 anos devem estar acompanhados dos pais ou responsáveis legais.

- Documento de identidade, CPF e foto 3x4*.

***A foto poderá ser tirada gratuitamente no ato do credenciamento. Em caso de perda ou extravio da credencial será cobrada uma taxa de R\$20 para a emissão da segunda via.**

ATENÇÃO

Estamos retomando de maneira gradual os serviços presenciais no Sesc. Para fazer a Credencial Plena, incluir dependentes ou renovar a sua Credencial vencida*, é necessário agendar horário para atendimento na Central de Atendimento. A entrada nas unidades do Sesc é realizada mediante apresentação de comprovante de vacina contra Covid-19.

*As Credenciais Plenas com data de validade entre 2/2020 e 2/2021 tiveram a validade prorrogada até 31/03/2022. Não é necessário o comparecimento nas Centrais de Atendimento.

Baixe o aplicativo Credencial Sesc SP e utilize a Credencial digital. Acesse www.seccsp.org.br/credencialplena e saiba mais. As demais informações sobre documentação estão atualizadas.



SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO - SESC
Administração Regional
no Estado de São Paulo
 Av. Álvaro Ramos, 991 - Belenzinho

CONSELHO REGIONAL DO SESC DE SÃO PAULO

Presidente: Abram Abe Szajman
Diretor Regional: Danilo Santos de Miranda

Efetivos:

Aguinaldo Rodrigues da Silva, Benedito Toso de Arruda, Célio Simões Cerri, Dan Guinsburg, Jair Francisco Mafra, José Carlos Oliveira, José de Sousa Lima, José Maria de Faria, Manuel Henrique Farias Ramos, Marco Antonio Melchior, Marcos Nóbrega, Milton Zamora, Paulo João de Oliveira Alonso, Paulo Roberto Gulló, Rafik Hussein Saab, Reinaldo Pedro Correa, Rosana Aparecida da Silva e Valterli Martinez.

Suplentes:

Aldo Minchillo, Alice Grant Marzano, Amilton Saraiva da Costa, Antonio Cozzi Júnior, Costabile Matarazzo Junior, Edgar Siqueira Veloso, Edison Severo Maltoni, Edson Akio Yamada, Laércio Aparecido Pereira Tobias, Omar Abdul Assaf, Sérgio Vanderlei da Silva, Vítor Fernandes e William Pedro Luz.

REPRESENTANTES DO CONSELHO REGIONAL JUNTO AO CONSELHO NACIONAL

Efetivos:

Abram Abe Szajman, Ivo Dall'Acqua Júnior e Rubens Torres Medrano.

Suplentes:

Álvaro Luiz Bruzadin Furtado, Francisco Wagner de La Torre e Vicente Amato Sobrinho.

CONSELHO DE REDAÇÃO E PROGRAMAÇÃO

Diretor: Danilo Santos de Miranda

Adenor Serrano Domiense, Adriane Da Silva Ribeiro, Airá Fuentes Tacca, Alessandra Machado Fialho, Alessandra Xavier Do Egrito Costa, Aline Ribenboim, Ana Carla De Assis Ribeiro, Ana Paula Fraay Moyses Henriques, Andrea De Oliveira Rodrigues, Angela Vieira Vasconcelos, Bruna Hitos Pereira, Bruna Marcatto da Rocha, Camila Freitas Curaca, Camilla Santos Medeiros, Cinthya De Rezende Martins, Claudia Cassia de Campos, Claudia Vieira Garcia, Dalmir Ribeiro Lima, Daniel Douek, Daniel Tonus, Daniela Cristina Ramos Del Nero, Danielle Simas, Danilo Cava Pereira, Danilo Cymrot, Danny Abensur, Diego Da Silva Oliveira, Diego De Paula Lemos, Eduardo Santana Freitas, Eloá De Paula Cipriano, Emerson Pirola, Fabiana Della Coletta Monteiro, Fabiana Regina De Freitas, Fernanda Cristina Pereira De Oliveira, Gabriela Xabay Gimenes, Geraldo Soares Ramos Junior, Gislene Lopes Oliveira, Graziela Nunes, Guilherme Luiz De Carvalho Souza, Ivanildo Rodrigues Da Hora, Jacy Helena Almeida Silva, Juliana Braga de Mattos, Julio Cesar Pereira Junior, Karla Priscila Vieira Carrero, Katia Rizzo Thomaz, Larissa Meneses Dos Santos, Leticia Veras, Lidiane De Jesus, Lilian Vieira Ambar, Marcelo Coscarella, Marcio Gouveia Franca, Marcos Ribeiro de Carvalho, Mariana Barbosa Meirelles Ruocco, Mariana da Rosa Silva, Mariana Queiroz Fernandes, Nathalia Quarz Magalhaes, Odair Freire Dos Santos, Poliana De Moura Queiroz, Rachel D Ipolitto De Oliveira Scire, Regina Machioni, Rejane Pereira Da Silva, Renata Barros Da Silva, Renato Perez de Castro, Ricardo Carrero Da Costa, Ricardo De Oliveira Barbosa, Ronaldo Domingues De Araujo, Silvia Aguilhar da Cruz, Simone Cilli, Thais Cristina Kruse, Thais Ferreira Rodrigues, Vanessa Mendes Rosado, Viviane Gabarron Sichinei

REVISTA E

Coordenação Geral: Ivan Paulo Giannini

- Diretor Responsável:** Miguel de Almeida. • **Diretor de Arte:** Werner Schulz
- **Edição de Textos (Revista E):** Ana Paula Cardoso e Maria Julia Lledo
- **Edição de Fotografia:** Adriana Vichi • **Repórteres:** Manuela Ferreira e Maria Julia Lledo
- **Revisão:** Luciana Batista de Azevedo • **Coordenação Executiva:** Marcos Ribeiro de Carvalho e Fernando Fialho • **Coordenação Editorial Revista E:** Adriana Reis e Marina Pereira
- **Coordenação Editorial Em Cartaz:** Aline Ribenboim
- **Propaganda:** Daniel Tonus, José Gonçalves Júnior e Renato Perez de Castro
- **Arte de Anúncios (Revista E e Em Cartaz):** Alexandre Calderero e José Gonçalves Júnior
- **Supervisão Gráfica:** Hélcio Magalhães • **Finalização:** Lourdes Teixeira e Werner Schulz
- **Criação Digital Revista E:** Ana Paula Fraay • **Circulação e Distribuição:** Jair Moreira

Jornalista Responsável: Miguel de Almeida MTB 14122.

A **Revista E** é uma publicação do **Sesc São Paulo** sob coordenação da **Superintendência de Comunicação Social** e realizada pela **Lazuli Editora**. Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios.

Esta publicação está disponível no site: seccsp.org.br

CIDADE MOLDURA

Pelas avenidas, ruas, edifícios, galerias e prédios comerciais, grandes painéis de consagrados artistas chamam a atenção de passantes. Talvez não saibamos ao certo a autoria de cada obra, uma vez que muitas não carregam placas ou a manutenção necessária à sua preservação, mas lá permanecem como contadores da história da cidade de São Paulo e de seus habitantes. Nesse passeio, somos guiados por diferentes técnicas, materiais e temas. Como bússola, a perspectiva de cada artista nos orienta por narrativas diversas. A exemplo dos quatro painéis *Subida da Serra*, *Os Bandeirantes*, *Epopéia do Café* e *A Cidade Hoje*, de autoria do pintor, desenhista, cenógrafo, ilustrador e muralista Clóvis Graciano (1907-1988), localizados na avenida Rubem Berta, zona Sul da capital. Testemunhas do seu tempo, essas e outras obras de acesso livre e gratuito ao público também se adaptam à atualidade. Caso da instalação *Estação Sumaré*, criada em 1998 por Alex Flemming, para a parada de metrô homônima, que recebeu uma intervenção do próprio artista em maio de 2020: máscaras faciais na imagem de cada uma das pessoas reproduzidas no painel. Confira essas e outras obras:



Adriana Vichi

RUA JOSÉ BONIFÁCIO, ED. TRIÂNGULO

Centro

Resistem ao tempo dois painéis do pintor e muralista modernista Di Cavalcanti (1897-1976) na Rua José Bonifácio nº 24, nas proximidades da estação Sé do metrô. Criadas para o Edifício Triângulo, projetado na década de 1950 por Oscar Niemeyer (1907-2012), as obras intituladas *Operários* estão nas paredes do prédio. Feitos originalmente de pastilhas de vidro, os painéis foram atingidos por um incêndio em 1990, mas passaram por uma restauração que fez uso de pastilhas de cerâmica. Ainda é possível ver a assinatura do artista em um deles.

ESTAÇÃO SUMARÉ — METRÔ

Zona Oeste

Dentro ou fora dos vagões, passageiros da Linha 2-Verde do metrô costumam fitar o rosto de homens e mulheres do painel criado pelo fotógrafo e artista plástico Alex Flemming para a Estação Sumaré. Inaugurada em 1998, ano de abertura da estação, a obra fixada nos vidros consiste em 44 painéis de 1,75 metro de altura por 1,25 metro de largura com 22 imagens de pessoas e letras de poesias sobrepostas aos retratos. Rostos de homens e mulheres anônimos, representando a diversidade da população da cidade, que também se enxerga no mural. A técnica utilizada para a obra foi a impressão sobre vidro em processo industrial, com a utilização de alumínio e tinta vinílica.



Adriana Vichi



Leila Fugii

AVENIDA RUBEM BERTA

Zona Sul

Para o aniversário de 415 anos da cidade de São Paulo, o muralista Clóvis Graciano (1907-1988) criou os quatro painéis: *Subida da Serra*, *Os Bandeirantes*, *Epopéia do Café* e *A Cidade Hoje*, dispostos na avenida Rubem Berta. Cada um mede 3,5 metros de altura por 10 metros de comprimento e, como seus títulos indicam, narra fases da história local: o período de escravização, a invasão dos bandeirantes, a proeminência do café e o processo de urbanização.

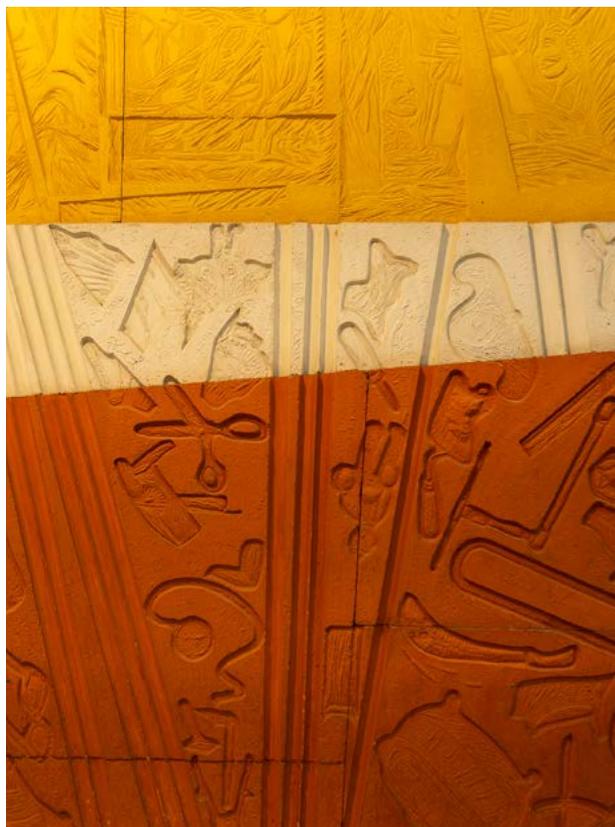


Adriana Vichi

ESTAÇÃO DA LUZ

Centro

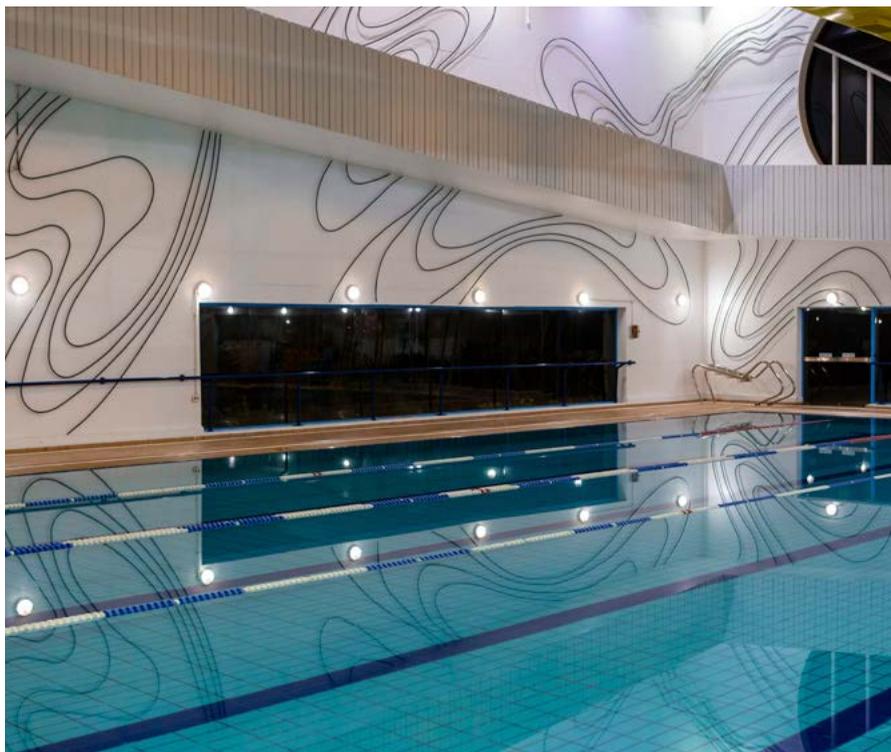
Na mesma estação que foi a porta de entrada na capital paulista para a artista ítalo-brasileira Maria Bonomi – cujo desembarque se deu em 1946, ao lado do avô –, foi instalado o painel *Epopéia Paulista* (2004). Na obra, Bonomi traduz a sua história e a de tantos outros imigrantes que formam a identidade plural e diversa da cidade. Com 73 metros de comprimento por 3 metros de altura, o mural é composto por 150 placas de concreto moldadas a partir de matrizes de madeira. A faixa amarela representa a população nordestina, a literatura de cordel e a periferia paulista, enquanto a cor de terra do mural faz referência à cafeicultura. Já o triângulo branco, no centro, remete à esperança e ao futuro. Por fim, as linhas retas, por toda a obra, representam os trilhos do trem. Segundo depoimento de Bonomi na época da inauguração, o artista não pode transformar tudo, mas pode aliviar o cotidiano ao contar uma história. “Toda construção deveria ter um espaço à arte pública. Isso mudaria a sensibilidade e o olhar do povo”, disse ao jornal *O Estado de S. Paulo*, na ocasião da abertura.



Adriana Vichi

SESC VILA MARIANA Zona Sul

A arte pode ser percebida como um mergulho. No caso do painel *Reflexo d'Água* (1997), da artista plástica Tomie Ohtake (1913-2015), para a piscina desta unidade do Sesc São Paulo, no sentido literal. Envolto pela arte, quem nada ou se exercita no espaço também é banhado pela inspiração da criadora, que sempre reforçou a importância de obras artísticas disponíveis ao acesso do público. Com o passar dos anos, a obra de Tomie sofreu os efeitos da umidade e da reação com o gás cloro presente no ambiente da piscina (reação química do cloro utilizado para tratamento da água com matéria orgânica). No entanto, para a preservação do painel, a estrutura de ferro de 25 metros altura por 35 metros de comprimento sobre a parede foi substituída por novas peças de aço carbono galvanizado, mantendo o conceito e a assinatura da artista. Conheça: www.sescsp.org.br/online/artigo/12859_UM+MERGULHO+NA+OBRA+DE+TOMIE+OHTAKE.



Everton Ballardin



Sem Título (Acrílica sobre parede) | foto: Everton Ballardin

SESC SANTO ANDRÉ Região do Grande ABC

Filho de imigrantes italianos, nascido e criado em Santo André, no ABC Paulista, Luiz Sacilotto (1924-2003) criou dois painéis de 10,10 metros de altura por 2,30 metros de largura, na área de convivência do Sesc Santo André. A obra foi feita especialmente para a inauguração da unidade, em 2002. Na época, em entrevista ao jornal *Diário do Grande ABC*, o artista disse que esse mural era uma das criações mais importantes de sua carreira: “É uma obra para ser vista. Não é como se estivesse em um museu, a que nem todo mundo tem acesso. Crio com a intenção de democratizar a arte”. Saiba mais: https://www.sescsp.org.br/online/artigo/1148_ENTREVISTALUIZ+SACILOTTO.



Sem Título (Acrílica sobre parede) | foto: Everton Ballardin



Adriana Vichi

Novembro de sonho, VEM AÍ O SESC MOGI DAS CRUZES!

Sabe aquele friozinho na barriga? Aquele tão bom de sentir quando temos um desafio pela frente, quando nos sentimos apaixonados, ou simplesmente quando aguardamos algo muito bom acontecer? Então... gostaria muito de compartilhar o “meu friozinho na barriga” com vocês, vamos lá?

Sempre disse que novembro é o mês do “quase”, pois em dezembro, tudo é urgente, tudo é apressado e o tempo vai escapando, comemorações de final do ano, encontros, desencontros, tudo é tão urgente, tão coreografado.

Novembro é quase fim de ano, é quase ritual de passagem, é tempo de preparação para novos ciclos, novos propósitos, diferentes desejos, novos combinados e compromissos, ainda há tempo de pensar nas coisas que se planeja fazer no ano que em breve se aproximará, dá tempo de corrigir rotas, de errar e seguir aprendendo, ou seja, para mim, novembro sempre foi um tempo de renovação.

E não à toa, e comprovando essa teoria, de que sou (acho) única praticante e seguidora, nesse novembro de um ano tão difícil e simbólico, de perdas, descaminhos, de dores, mas também de renascimentos, de esperança, afetos e sonhos, e como nesse contexto pandêmico, se fez tão importante e necessário sonhar...

Sonhar, assim como realizar, são verbos de “primeiríssima” conjugação e, portanto, fazem uma dupla afinada quando caminham juntos; e do sonho de muitas pessoas, investimento e dedicação da municipalidade, trabalhadores e empresariado do comércio de bens, serviços e turismo, em novembro teremos uma tão esperada realização, nascerá o Sesc Mogi das Cruzes!

Respiro e vida em plena pandemia!

Com esse novo Sesc, nasce também uma equipe de trabalho feliz e motivada para acolher o público

do Alto Tietê, atuar com segurança e responsabilidade, sabendo que seremos tradução de sonhos, de expectativas e de felicidade.

O convite para interagir com espetáculos artísticos, atividades físicas, esportivas, socioeducativas, tecnológicas e ambientais são algumas das possibilidades que teremos cotidianamente, e todo esse cardápio fortalece, inspira e traz ânimo para vivermos com alegria e significado cada experiência.

De todos os novembros que vivi, o de 2021 será um dos mais especiais, dos mais felizes e dos mais importantes. No dia 6 de novembro, realizaremos o sonho de abrir uma nova unidade do Sesc, numa importante cidade e região, oferecendo um equipamento de excelente qualidade, apresentando a programação que dialogará com a diversidade e exercitando um atendimento acolhedor e humanizado.

O Sesc Mogi das Cruzes será um símbolo de renovação, de respeito e de esperança de que a realidade sempre pode ser melhorada e transformada por meio da arte, da convivência e dos processos educativos.

Lembra daquele friozinho na barriga? Da teoria do mês de novembro? Pois é, tudo isso forma um grande tempero que resultará numa linda abertura de uma nova unidade forte, diversa, criativa e com representatividade, baseada no sentimento de que, em meio à pandemia, somos a vida que pulsa e teima em seguir, que insiste no amanhã, e que acredita que tempos melhores virão e os viveremos!

Sesc Mogi das Cruzes, evoé! E muito axé! ■

DENISE MARIANO é graduada em Educação Física, pós-graduada em Educação Motora e MBA em Bens Culturais, Economia e Gestão. É gerente do Sesc Mogi das Cruzes.

LANÇAMENTO
SELO SESC

*Parabéns
Tânia!*

O Projeto Tânia Maria reúne Lael Medina, Anette Camargo, Libero Dietrich e Danilo Moura em homenagem à compositora, cantora e pianista reconhecida internacionalmente pelo autêntico swing das suas fusões entre jazz e música brasileira.

DISPONÍVEL NAS PLATAFORMAS

Sesc
digital



selo
Sesc

Visite a loja virtual e
conheça o catálogo completo
sescsp.org.br/loja



/selosesc

